

VARIEDADES

Viagem de uma parizienne ao Brazil

ESTUDO E CRITICA

**DOS COSTUMES BRAZILEIROS POR HENRI TOUSSAINT SIMON
TRADUÇÃO ANNOTADA POR
A. ESTEVÃO DA COSTA E CUNHA**

PARTE PRIMEIRA

A VIDA DE BORDO

SUMARIO: — O clipper « Normandia ». — Adeus á França — Primeira noite a bordo. — Passageiros e passageiras — O espirrella. — Chegada ao Brazil — A bahia do Rio-de-Janeiro — As pretas minas — O mercado.

Tachamos um tio na America, e não da America, o que muda um pouco de figura, e esse bom tio, tendo feito no Brazil a fivel fortuna, provocou nos o desejo de tentar a aventura.

Afirmavão nos que em 10 annos seríamos ricos. Dez annos de exilio é já alguma coisa, mas a terra é tão bello, e voltaríamos ainda tão moços!... Houve muita hesitação de minha parte, muito pranto, mas por fim a resolução foi tomada, e depois de abraçarmos parentes e amigos, tomámos o wagon, caminho do Havre, onde d'viámos embarcar para a America do Sul.

Logo que, prestes a chegar á estação de Havre, eu avistei ao longe os altos mastros dos navios apertados uns contra os outros, figurando uma floresta sobre o mar, apertei-se-me o coração, e comprehendí por quantos legos estava eu ligada á patria; mas a sorte estava decidida, cumpria tentá-la.

O clipper *Normandia*, que estava a largar para o Rio de Janeiro, e no qual tinhamos tomado passageiro, balançava-se sobre a amarra como o fegoso cavallo que escarrega o chão antes de partir. Era um elegante navio, de immenso volume e que devia navegar melhor que nenhum. Meu marido perguntou-me se eu queria visitá-lo antes de nossa partida, fixada para o dia seguinte pela manhã. AQUI promptamente, e com elle subi a escada de cabo que todos os navios deixão pender a seus flancos quando se achão ancorados.

Sobre o tombadilho achavão-se os officiaes de bordo, que vierão logo cumprimentar-nos, e deo-se um d'elles para nos mostrar todo o navio. E desempenhou-se bem da tarefa, pois desde o tombadilho com suas immensas capoeiras, cheias de aves de toda a especie, até à proa, onde a equipagem dorme no meio de macacas, papagaios e passerões de toda a especie; desde a copa com suas longas filas de chieiras, copas e guardanapos, tão bem arrumados, que o mais pequeno espaço é utilisado, até ao porão e aos mais recônditos compartimentos da embarcação, tudo vimos e examinámos, sendo que o que mais attentamente considerei foi a *câmara isto é, o que devia ser para mim dahi a pouco o salão, a sala de jantar, o gabinete de trabalho*.

Voltámos ao hotel em silencio, tão preoccupados da séria resolução que havíamos tomado, que não trocámos, meu marido e eu, uma só palavra sobre o assumpto. O que mais me aterrorizava era meu filho, pois levava-o commigo, o mais velho, que eu estava sinta, e a mim mesmo perguntava com ansiedade como supportariam a tão longa viagem, eu e elle.

Não prezei o hotel toda a noite, e no dia seguinte ás 8 horas da manhã estávamos a bordo do *Normandia*.

Cada viajante chegou logo após com sua bagagem, que se fazia descer ao porão por meio de um cabrestante. Fazia-se na mesma occasião aguada, e embarcava-se carvão e recebião-se promoveo: um ruido uma confusão, uma algazarra in'escriptivel. Muitos amigos e parentes acompanhão os viajantes ao hotel, de modo que não se ouve senão phrases e m

— Escreva-me logo que chegar — ; e não sa-
me dizer onde nadas o mais depressa possível —

Não se esqueça de mim ; boa viagem ; voltem
ricos é o que desejo ; Deus te proteja !... E durante
a meia hora que precedeu a partida, só se vião
abraços, pranto, soluços, suspiros de mistura com
os gritos dos marinheiros, vozes do commando dos
officiaes, ranger do calrestante e ruído-surdo das
ondas batendo no costado do navio.

Entretanto soára o apito do contra mestre : era o
signal da partida e logo a separação.

Aproximão-se os escaleres, os amigos soltão-se
dos braços uns dos outros, a ancora está levantada,
as velas enfundão-se. Adens, parentes, amigos, pa-
tria !... Os lenços agitam-se algum tempo ainda,
depois tudo desaparece pouco a pouco, as costas da
França somem-se no horizonte, e por fim nada mais
que céu e água !...

Quasi todos os passageiros ficherão sobre a esbelta
com os olhos humidos, oppresso o coração, absorvi-
das em seus pensamentos enquanto puderão descorti-
nar na neblina do horizonte uma fôrme vaga da patria.
Mas repentinamente escureceu o tempo, começou a
soprar um vento forte, o navio entrou a baloiçar e
tudo prenunciava uma tempestade. Os passageiros
empallidecerão.

Meu vizinho da direita inclinou-se enjando sobre a
amurada da embarcação ; minha vizinha da esquerda
desceu logo para a camara, mal se sustentando na des-
cida ; um passageiro, envolvido no manto, estava en-
tendido no convex como massa inerte ; um outro per-
corria o tombadilho com rapidez ; um rapaz fazia-se
de forte, affectando fumar e rir como os officiaes ;
mas, criticado, em pouco vacillou atirou fóra o cha-
ruto, pediu um côpo de vinho Madeira, que bebeu de
um gole, procurando fazer boa figura até ao fim
lustral ! em pouco o Madeira foi juntar-se ao charuto.

E' preciso ter salido estorago para resistir a tudo
isto, e tambem eu só podia lutar respirando soffrega-
mente o ar vivo do mar que me cortava o rosto. Mas.

tornando-se muito forte o vento, força me foi deixar o tamborilho e descer á camara, onde um espectáculo dos mais pittorescos me esperava. Alguns homens estavam estendidos nos canapés do fundo, uns meio-adormecidos, outros com a cabeça entre as mãos, enquanto os mais corajosos percorrião a camara em grandes passadas, impellido pelo balanço do navio, ora á direita, ora á esquerda. Da cada camara sahião entre soluços e queixumes, estas continuas palavras: « Grumete! ó grumete! » e o pobre rapaz, assim chamado de todos os lados, occupava-se com um vai-vem de bacias que nada tinha de poetico.

No meio de tudo isto soára a hora de jantar. O capitão tomou lugar á cabeceira da mesa, o immediato no meio e o tenente na outra extremidade. Quasi nunca se vê sechoraf á mesa no primeiro dia de embarque: quando ha muito tempo umas achas e muito incommodadas em seus camarotes e as mais fortes servem-se de mingão ou de uma erva de frango no tamborilho, mas nenhuma é ainda capaz de arrostar impudicamente as emanções mephiticas da camara. Porisso vo-lo assegurar, em que fiz cinco vezes esta viagem.

Terminado o jantar e vindo a noite não ha outro remedio se não resignar-se cada qual a entrar para o seu camarote.

No pequeno quadrado que vos está assignalado, e que contem dous taboleiros, uma commoda touca forrada e cabides, se sãis dous, não podeis mais abrir nem fechar a porta: cumpre arranjar-vos de modo que vos levanteis e vistais um após outro. Dadas as portas estão collocadas á cabeceira e aos pés de cada cama e é ali que amontoais vossa mala de viagem, frutas, alguns livros que levardes, etc.

Feita esta installação, é necessario, para que chegueis a deitar-vos no taboleiro superior, que seja mestre em gymnastica, pois o tamborete a que deveis subir para lá chegar, rola ora para um, ora para outro lado, acompanhando o balanço do navio. Assim, depois de alguns ensaios, apanhais o bom ensejo, subis, e eis-vos deitado entre duas taboas, que vos quebrão as costellas, e que mutuamente atirão-vos com o

corpo de uma para outra banda e mo noj go da peteca

Defronte de mim havia uma abertura pela qual se distinguia altas ondas cercando o ravello de todas as ladas e um pedaço de céu onde corria a brisa novena. Sentia-me tão pequena diante deste vasto mar, tão só no meio desta céu e desta água, tão *incôfortavelmente* installada, como dirão certos vizinhos d'além-Mancha, que a todo transe desejai escapar á realidade pelo somno. Nesse empunho appellava em meu auxilio todas as minhas forças, e começava já a sentir o entorpecimento que o precede, quando ouvii a luzes se fazerem ouvir no camarote vizinho ao meu, acompanhadas dos gritos: — Despenheiro, um copo d'agua azucarada! — Chumeta, a bacia! — que se renovavam a cada momento.

Um pouco de calma começou, ent'tanto, por succeder a toda esta algazarra.

Acabavão de dar dez horas. O despenheiro foi de um dos campêes da camera o leito para passar a noite. Emfim, vamos dormir, pensei commigo. Louca esperança! Um menino começou a gritar, e outro, do camarote fronteiro ao meu, respondeu com outros gritos não menos agudos. O meu pequeno quiz também fazer parte da orchestra. — Que tens, querido? Bebe um pouco d'agua. — Não, não quero dormir nesta cama que assim balança: quero a minha caminha que não se mecha. — Pobre pequenino! passa teu bracinho a roda da minha peteca...

Mais adiante um passageiro achacado do peito tossia

e queixava-se; depois, o despenseiro, que, fatigado de um dia de feição, roncava como um porco, e acurpr, como acompanhamento obrigado desta matizada, o mugido das cordas batendo no costado do navio; o estalido e ranger da mastreação; os balanços, que nos sacudindo a cada instante; a louça, que dançava na côpa e o vento que assobiava por entre o velame e os cabos. Enfim, de vez em quando, o ruído da manobra e o canto monótono e estridente dos marinheiros.

Tudo isto, eu vo-lo juro, pôde dar ao desgraçado que passa uma primeira noite a bordo uma prova, um ante-saibo do inferno.

Felizmente, cerca das 3 horas da madrugada, surcumbiando é fadiga, perdêmos, enfim, a consciência de tudo: pesado somno ia reparar nossas forças. Pôde, sim! são quatro horas, e logo começo sobre nossas cabeças o mais horrível dos charicaris. Estreção, raspão, bateu os pés lá por cima e surdas pancadas despertão-nos sobresaltados. Não podendo comprehender a causa deste ruído, apressamos-nos em subir à coberta, semi-vestidos; mas, apenas ponhos um pé no convex que recebêmos pelas pernas um enorme jacto d'água. Uma nos deu logo a chave do enigma. Todos os marinheiros, de calças e mangas arregaçadas occupão-se em esfregar e lavar o convex e a coberta do navio, e asseguro-vos que o sabem fazer bem e não poupão os baldes d'água.

Na esperança de recuperar neste interrompido somno, voltámos, entretanto, ao que se convém chamar nosso leito. Mas dahi a pouco ouve-se em baixo a mesma barulhada: o despenseiro e o grumete lavão e limpão cuidadosamente a camara. Quando tudo se acha em ordem e assado, este rei da camara (o despenseiro) agita gravemente uma campainha, signal do primeiro reparo. São sete horas. A este chamado os camarotes se entrecrem um a um para deixar passar cabeças mais ou menos ridiculas com seus toucados nocturnos, inclusive a tradicional carpeta. Groupo-se os homens em torno da mesa, tomão café ou chá ou mais communmente licores. É raro

café ou chá ou mais comunalmente
que mesmo em dias bellos e serenos, as senhoras se
apresentem neste primeiro almoço; o despenseiro ser-
v-a em seus camarotes. Depois disto cada qual
occupa-se de sua installação e *toilette*, e, quando ás
dez horas só a sineta para o verdadeiro almoço, as
portas abrem-se novamente para deixar passar ca-
beças cuidadosamente penteadas e queixas barbaudas
de fresco. (1)

Éis o momento em que vão se achar todos reunidos
pela primeira vez, e em que podemos saber com quem
viajamos, pois na véspera apenas tivemos tempo de
lançar uma olhadela sobre as pessoas com quem nos
achavamos. Cada qual, então, trata de examinar e
estimar cuidadosamente os outros.

Ficai certos que a dama collocada á direita do
commandante é a que este mais considera como a
mais notavel de suas passageiras, seja pela belleza,
pelo dinheiro ou pela posição social. A dama collo-
cada á sua esquerda deverá naturalmente succeder á
outra como tendo direito ás attenções e aos pequenos
cuidados. Depois disto, as outras passageiras arran-
jam-se como entendem. Entretanto, no geral, as mais
distinctas occupão o centro da mesa e as demais a
extremidade opposta.

Neste ponto, creio poder dar-vos um conselho, se-
nhoras: se alguma vez viajardes sós sede a bordo o
mais reservadas que fór possível, porque não ha ci-
dadexinha de provincia ou cubiculo de porteiro, onde
se fação tantos commentarios e bisbilhotices como
ali. Se tiverdes logizeiros por companheiros de viagem,
não os cumprimentes, fangi mesmo não reparar nelles
nos dito primeiros dias. O logiez quer saber a quem
cumprimenta, e dá-se ao trabalho de estudar um pouco
os circumstantes antes de dar a menor prova de po-
lidez (Achais que não têm razão?) Mas, desde que
vos julgu digna de sua sociedade, o logiez torna-se
então o mais amavel companheiro de viagem, provi-
dente sem galanteria, polido sem lisonja, e sempre
gentleman em suas relações com as senhoras.

O mesmo não se dá infelizmente com os nossos

gentleman em suas relações com as senhoras.

O mesmo não se dá infelizmente com os nossos compatriotas em viagem, que mostram-se pela maior parte pouco convenientes: agora, de um galanteio proximo da fatuidade, com as mulheres moças e bonitas; logo de uma incivildade proxima da grosseria, com as mulheres feias ou idosas: não sabem senão endoecar uma mulher ou ridicularisa-la. Desconhecem especialmente, senhoras, dos officiaes de bordo. Nada ignora a fatuidade destes senhores: entendem que a cada viagem devem inscrever em sua lista mais uma conquista. Como os respetos, o bem estar, os mil detalhes da vida de alguma sorte dependem delles, não ha provocações, ademanos e garridices que os passageiros ponham em seu favor.

Quando, em uma destas longas travessias, ha a bordo uma ou duas mulheres.... como diremos?... levianas?... sim... pois bem! é uma justa ou torneio entre ellas para saber quem levará a melhor, quem captivará o commandante, o immediato, o tenente. Com effeito, estar nas boas graças do capitão, é ter o melhor lugar, o melhor bocado, é fazer collocar o toldo no tombadillo em dias de calza e de sol, ter ali uma boa poltrona, ser autorizada a ter luz no camarote, é ter permissão de fazer tirar do porão os bafus sempre que queira, para exhibir cada dia nova fatiada; é, enfim e especialmente, primar entre todas as outras mulheres. Jalgai que de esforços!... que de labores provocadores para conseguir tudo isso!

Ha geralmente a bordo tres ou quat o especies de passageiros que encontrei em todas as minhas viagens. A primeira é a que chamarei a poseuse. Esta é a que, em razão de sua classe ou de sua fortuna, julga se não acima de suas companheiras de viagem, que pueras vezes se digna apparecer na mesa. De ordinario, exige que a sirvão no camarote-camará que occupa só, não se digna trocar algumas palavras senão com o capitão; frega mesmo não ver as outras pessoas, passa duas ou tres horas a embellezar-se no toilette, e não se deixa ver senão ás duas horas,

... e não se deixa ver senão ás duas horas.

sempre acompanhada de uma criada que traz o seu chá e ou frasco de essência

A segunda pertence á classe chamada *cocotte*. Esta toma de vestido duas ou tres vezes por dia, ri e falla muito alto; toma tres de ingenua um dia, e no dia seguinte, diz cousas que fazem corar um diabo (soldado); passa o dia no tambadilho, com os cabellos soltos, sem perder occasião de mostrar a perna, canta arias de ópera á noite, dança e valsa ás quintas-feiras e domingos, conserva-se sobre a cobertura até uma hora da manhã com os officiaes de bordo, amecia a viagem com uma serie de episodios mais ou menos burlescos.

A terceira é a viajante *seria* ou artista, trocando palavras com todos sem se relacionar com ninguém, subindo para a cobertura quando todos descem della, para gozar de um bello desportar do dia ou de um esplendido luar, dispondo seu tempo de modo a ter algumas horas de estudo ou de isolamento, escrevendo sua correspondencia, lendo, bordado, vestida simplesmente, mas vestida com cuidado, não se envolvendo em nenhuma curiosidade, não procurando nem evitando a sociedade de suas compatriotas de viagem, e não desejando tirar o lance a nenhum corpo, passando calma no meio de todas as ridicularias e vaidades, e muitas vezes mais cercada de respeito e attensões no fim da viagem do que aquellas que o desejáram no principio. É nesta classe, senhoras, que vos aconselhamos de vos collocar, se alguma vez tiverdes de viajar soas, o que não desejamos que jamais vos aconteça.

Desde o segundo dia de viagem, cada qual tem já suas *sympathias* e *antipathias*. Trocam-se alguns complimentos, enfilem-se mesmo algumas phrases. No dia seguinte já se conversa sem cerimonia.

Ha o passageiro *communicativo*, que só deseja expandir-se e que conta-vos todas as historias de sua familia; não vos perdôa nem uma tia ou sobrinho, e interrompe de vez em quando a conversação para ir buscar as *photographias* de seu pai, de sua mãe, de suas irmãs, irmãos e primas. Não ha remedio senão terdes

informações a respeito da vida do sobrinho.

Segue-se depois o passageiro *melancólico*, bello rapaz, victima de um amor desgracado, deitando olhadellas languidas para as damas, a quem elle enterneca e que desejariam todas desde logo consola-lo. Este exhibe tambem em certos dias o retrato de sua ingrata, que conserva dia e noite sobre o coração. O nosso melancolico tem todas as probabilidades de ser adorado, porque o obstaculo é um attractivo poderoso, e cada filha de Eva cogita em segredo curar este pobre namorado de sua funesta paixão.

Temos depois o passageiro *galhofeiro*, tendo sempre uma gracinha nos labios, os ligões retorcidos, calças à *husard*, pagando quasi todos os dias *Champagne* aos officiaes e fazendo a corte á coquelle e á criaca da posense.

Enfim, o passageiro *massante*, sempre descontente da comida; da marcha do navio, das manhas dos officiaes, do procedimento das mulheres, do tempo que elle acha era muito quente, ora muito frio. Converte-se em voz baixa n'um canto, como um conspirador, e tenta arrebauhar em torno de si todos os descontentes do bordo. É geralmente elle que se vê apparecer de manhã, ornado com a carapuca de algodão, lembrança do seu antigo estado, provavelmente.

No fim de oito dias, conhecem-se os gostos e habitos de todos os viajantes.

« Commandante, queira passar frango a Mlle. X... bem sabe que é o prato de sua predilecção — Vai-nos deixar, senhora, porque é a hora de sua leitura — Já acabou de fazer o seu trabalho de lá? — Não joga hoje o xadrez com o commandante, Sr. A? »

Eis as palavras que se trocão. Sabe-se de cóz: M. G. faz a corte a Mlle. S., Mme. W. parece louca pelo doutor. Surprenderão um beijo... que sei eu? Ha tambem de vez em quando alguns pequenos acontecimentos que vêm quebrar a monotonia de todos os dias: é uma donrada que acabão de pescar, um tubarão que foi harpoado, uma vela no horizonte; são as ilhas do Cabo-Verde que se avistão, depois as Açores, algum

navio que chega á falla; mas tudo isso não impede que o tempo se arraste mui lentamente, para aquellos mórmente que não sabem emprega-lo convenientemente, quer no mar, quer em terra.

Logo que se chega a certa região chamada pelos maritimos *Esparrrella* (2), situada proximo á Linha, a physionomia do bordo toma um estranho aspecto. Figural, leitor, um calor pesado, enfadonho, superexcitante ao mesmo tempo; nem a mais leve aragem nas velas, a agna do mar parece azeite; não se póe dormir um pouco senão deixando as canhoneirinhas abertas, e chega-se incanso a não fechar as portas dos camarotes, tanto se soffre com esta falta absoluta de ar; desperta a gente á noite com os cabellos banhados em suor; as mulheres só vestem pigmoirs de musselina, os homens calças e paletots brancos; todos se arrastão, espreguição-se, não fallão; os olhares enlanguescem e as aventuras do galanteio tornão-se a crêem do dia.

• Encontrárão o tenente no camarote de Mlle. A...;

O grumete achou o cinto de Mme W... na camera do doutor. Trocão-se cartas amorosas, e um dia não se passa sem haver algum escandalozinho ou algum ataque de nervos. Que quereis? Não é culpa de ninguém, sem duvida. Esta debilitante temperatura vos enerva a tal ponto, que á noite tomareis o sonho pela realidade, e vice-versa. E' então que as velhas de *coração joveu* têm probabilidades de successo! Todos os homens o confessão: na *Esparrrella*, as mulheres não têm idade, e aquellas que parecião horri-veis, no principio da viagem, tornão-se repentinamente encantadoras; choven as declarações e abundão as derretes. Pobres maridos, que deixais vossas jovens mulheres partir rós, desconfiai da *Esparrrella*.

Emfim, depois de cinco dias passados nesta região abafadica, eis-nos a b a linha, e trata-se de baptisar nos que nunca atravessárão o Equador. O dia da passagem da linha é ainda de mais loucuras que todos os outros. Tinha eu lido algures que os marinheiros se disfarçavão e que um delles fazia o papel de pai da linha. Póde ser que assim seja, mas eu não o vi, e não vos contarei nada que não tenha visto, dese-

navio que chega á falla; mas tudo isso não impede que o tempo se arraste mui lentamente, para aquelles inertemente que não sabem emprega-lo convenientemente, quer no mar, quer em terra.

Logo que se chega a certa região chamada pelos maritimos *Esparrrella* (2), situada proximo á Linha, a physionomia do bordo toma um estranho aspecto. Figural, leitor, um calor pesado, enfadonho, superexcitante ao mesmo tempo; nem a mais leve aragem nas velas, a agna do mar parece azeite; não se póe dormir um pouco se não deixando as canhoneirinhas abertas, e chega-se mesmo a não fechar as portas dos camarotes, tanto se soffre com esta falta absoluta de ar; desperta a gente á noite com os cabellos banhados em suor; as mulheres só vestem pigmoirs de musselina, os homens calças e paletots brancos; todos se arrastão, espreguição-se, não fallão; os olhares enlanguescem e as aventuras do galanteio tornão-se a crêem do dia.

• Encontrarão o tenente no camarote de Mlle. A...;

O grumete achou o cinto de Mme W... na camera do doutor. Trocão-se cartas amorosas, e um dia não se passa sem haver algum escandalozinho ou algum ataque de nervos. Que quereis? Não é culpa de ninguém, sem duvida. Esta debilitante temperatura vos enerva a tal ponto, que á noite tomareis o sonho pela realidade, e vice-versa. E' então que as velhas de *coração jove* têm probabilidades de successo! Todos os homens o confessão: na *Esparrrella*, as mulheres não têm idade, e aquellas que parecião horri-veis, no principio da viagem, tornão-se repentinamente encantadoras; chovem as declarações e abundao as derretas. Pobres maridos, que deixais vossas jovens mulheres partir rós, desconfias da *Esparrrella*.

Emfim, depois de cinco dias passados nesta região abafadica, eis-nos a b a linha, e trata-se de ~~implantar~~ nos que nunca atravessarão o Equador. O dia da passagem da linha é ainda de mais loucuras que todos os outros. Tinha eu lido algures que os marinheiros se disfarçavão e que um delles fazia o papel de pai da linha. Póde ser que assim seja, mas eu não o vi, e não vou contarei nada que não tenha visto, dese-

jando que entre todas sobre o Brasil, a falta de outro

1. Na ra da Esq. da o original.

2. De o original Por ~~no-ent~~

merito, tenham ao menos o de ser de inteira veracidade.

Dizei, pois, que quando passei a linha pela primeira vez, a bordo de um navio de vela, vi deade manbã os officiaes correrem com potes após os passageiros, cuja idade permittia a brincadeira, e baptizava por fô ou nefas, levando mesmo os contumazes para baixo da bomba (o que nestas paragens não tem inconvenientes.) Quanto a mim, dispunha-me tambem a ser baptizada, pois havia entre as passageiras tres creaturas com quem eu evitava conversar e ás quizes ouvira murmurarem ao passar por ellas: — « Improvisada! presumida! » e outras gentilezas do mesmo genero. Acreditei então que aproveitariam a occasião para receber-me n'esse dia com alguns canecos d'agua: não foi, porém, assim. Eu alleitava então meu filho mais velho como já tive occasião de dizer, e as mulheres respeitárão em mim a mãe e a nutrix. Penhorou-me esta delicadeza, que não esperava dellas, e mais penhorada fiquei ainda, quando, á noite, o mestre da equipagem, que havia composto para o divertimento algumas coplas em que cada passageiro recebia sua indirecta, disse em respeito a mim, em versos de que me não recordo: « Silencio! é uma mãe que embala seu filho: passem e sem fazer ruido; deixemos dormir a criança no regaço materno. »

Fazou-se todo o dia em risadas; os marinheiros tiveram razão dobrada, e á noite dançarão, tendo por orchestra o canto dos camaradas e o marulho das ondas.

Aquelles que nunca passarão noites sobre o oceano, suavemente embalados pelo mar, gozando de um luar esplendido e ouvindo as canções alegres dos marujos, não podem fazer idea do que ha nisso de grande e poetico.

Quando mais tarde achei-me em salas de baile ou no theatro, e ouvi dizer: « Bello! magico! » evoquei no pensamento a lembrança de uma noite de bordo, e tornei a ver o navio sentendo as ondas com

tudo o panno, subindo e descendo por ellas e deixando ap6s si um rastro luminoso ; vi o piloto ao leme, os passageiros pittorescamente grupados no tombadilho e fantasticamente allumiados pela luz prateada da lua, que tudo poetisa ; o official de quarto passeando e os marinheiros cantando em c6ro o estribilho da sua predilecção : *Vers les rives de France, voguons en chantant, voguons doucement !* tendo sempre por acompanhamento obrigado o murmúrio das ondas e o leve estalido da embarcação. O mar immenso me apparecia então de novo, confundindo-se com o céu no horizonte : parecia-me sentir no rosto o sopro suave de fresca briza, impregnada da salugem do oceano, e, lançando os olhos em torno de mim, eu comparava involuntariamente os espectaculos dos homens com o magnifico painel da natureza. Como tudo aquillo me parecia exiguo, acanhado, prosaico, comparado com as esplendidas obras de Deus !

Não, repito-o, quem nunca assistio a estas grandes scenas, no mar, não pôde comprehender-lhe o effeito sublimemente e sorprendente. Abi recebe a alma uma impressão indelevel e sente-se engrandecer para sempre diante destes vastos horizontes.

Ap6s esta entusiasta digressão, que os leitores me relevarem, retomo o fio da narraçáo.

Se a viagem for boa, chega-se ao Rio de Janeiro, por um clipper, em 19 ou 20 dias, e em 20 dias por um paquete ; mas, quando o vento é contrario, o que acontece muitas vezes, dura a viagem 40 ou mais dias.

Dous dias antes de chegar, tinhamos avistado longinquamente a terra. Que immensa alegria para todos o tornar a ver a vegetação ap6s tanto tempo de trido entre o céu e o mar ! Todos os passageiros estão no tombadilho, ninguém mais se importa com o comer ou o dormir.

Emfim, eis-lo, o Brazil, que faz sua apparição, ornado com as seus ramalhetes de bananeiras e palmeiras. Começa-se a distinguir a cadeia de montes denominada o *Gigante que dorme* (3), a qual, effectivamente representa bem um homem de colossal estatura, estendido em todo o seu comprimento e cujo perfil é parecido com o de Luiz XVI. O monte chamado *Pão*

de Assucar é o que forma o pé do *Gigante*. Esse monte parece a sentinella da bahia do Rio de Janeiro.

Em pouco entra o navio pela barra, tendo á sua direita a fortaleza de Santa Cruz e á esquerda a da Lage, onde o chamão á falla pelo porta-voz. Se elle não pára, um tiro de peça o adverte que não deve proseguir. Arvora então a bandeira de sua nacionalidade. «Donde vem? perguntão-lhe. O nome do navio e o do capitão? Quantos dias de viagem? Ha deantes a boedo?» Depois de se ter satisfeito a todas estas perguntas, a embarcação entra na bahia e ancóra perto de um forte chamado *Villegaignon* (4) Logo dous escaleres se approximão: um é o da alfandega, o outro, o da saude. O primeiro traz o guarda-mir, que verifica os passaportes dos passageiros e toma o rol da carga e bagagens. No segundo vem um dos mediceis em chefe da marinha, que informa-se do estado sanitario de bordo, ahm de ver se é necessaria a quarentena.

Durante esse periodo chegão de todos os lados diferentes embarcações, das quaes as maiores, chamadas *salúas*, vêm procurar os passageiros com parte de sua bagagem. A maior parte desta vai para a alfandega, e não será entregue aos passageiros senão no dia seguinte, depois da visita.

Estas *salúas*, especie de barcas, com uma vela latina muito alta (5) são geralmente equipadas por cinco negros robustos; o patrão segura o leme, enquanto os outros quatro remão lentamente em cadencia, levantando-se do banco á cada remada, e recabindo assentados para se levantarem de novo. Foi isso um dos meus primeiros pasmas ver estes negros nus da cintura para cima, de rostos achatados e bestiaes, cortados de largas cicatrizes (quando são negros Minas), com o suor escorrendo pelo corpo, olhando-vos com curiosidade nem admiração, e parecendo não importarem-se nem comvaco nem com cecua alguma deste mundo, senão com o comer e o dormir.

Enquanto elles remão para nos conduzir á terra, lançai comtigo um olhar sobre esta esplendida bahia, cercada por todos os lados de montes cobertos da mais luxuriante vegetação. Este, tortuoso e pontudo,

é o *Corcovado*; mais adiante lhe consagramos algumas paginas. Eis um outro, quadrado na cunhada, cujo nome é *Tijuca*; tem ella uma cascata que gora de justa nomeada, e é um dos sitios mais bellos do Rio de Janeiro. Enfim, á vossa esquerda, vertes a *Serra dos Orgãos*, porque em verdade suas annuidades semelham a fórma de um orgão de igreja. Esmaltão a bahia encantadora as ilhas plantadas de laranjeiras, bananeiras e c., sempre verdes e carregadas de fructos; diversas *chacaras* apparecem aqui e alli no meio desta paisagem, e sobre uma collina, á esquerda, eleva-se a greguinha de *Nossa Senhora da Gloria*. Á direita da bahia está a ilha das Cobras, depois *S. Domingos* e *Praia-Grande*, a antiga capital do Brazil (6). Um céu puro e de um azul soberbo por cima de vossa cabeça, um sol ardente durante t. do este painel, as garvoas mergulhando em torno de vós e erguendo-se logo depois com o peixe no bico, o mar azul e calmo como um lago, uma leve brisa que vos vem refrescar, soprando ora da barra ora de terra, eis o que vos engulpha em uma especie de bemaventurança e extase, ficades litteralmente deslumbrado.

Enfim a fadga atraca, eis nos chegados. Os negros atirão-se á agua e carregão-me em seus braços robustos para pôr-me em terra, pois as praias da bahia são uma lama infecta, onde apodrecem imundicies de toda a especie, espalhando em anações nauseabundas. Foi esta nossa primeira desillusão. Estas plagas, que de longe nos parecião tão bellas, tão perfumadas, erão o receptaculo das immuncies da cidade. Mais tarde ella saueou-se por meio dos ergalos.

Puzemos pé no *curs Pharoix* (7), largo do Paço.

O palacio do imperador foi o primeiro edificio que chamou nossa attenção. Nada tem que excite a attenção. Nada tem que excite admiração: é um casarão quadrado que, ao desembarcar, tomei por um quartel. De frente do palacio acha-se o *Mercado*, que é realmente um dos lugares mais pittorescos da cidade. Vêem-se ali altas negras Minas, toucadas com um panno de musselina em forma de turbante, com o rosto chalo de entalhos, tanto por toda vestimenta

só canisa e saia, acoradas sobre esteiras junto de seus frutos e legumes; a seu lado estão os melões (8), inteiramente nus.

Aquellas cujos filhos ainda mamão, trazem-nos atados às costas por meio de um largo pedaço de fazenda riscada de todas as cores, á qual fazem dar duas ou tres voltas em torno do corpo, depois de ter previamente collocado o filho sobre os rins, com os braços e pernas abertos; o pobre pequeno conserva-se assim todo o dia, abalado pelos movimentos da mãe, com o nariz pregado nas costas desta, e quando dorme, não tendo a cabeça nenhum ponto de apoio, rola constantemente de um para outro lado. As perninhas ficam tão abertas, em razão das largas cadeiras da negra, que muitas conservão para sempre as pernas arqueadas.

Nada mais original que o aspecto deste mercado onde se vêem amontoadas laranjas, bananas, laranjas, goiabas, romãs, fructas de coado, melões, mangas, ananazes, espinafres, batatas, doces, palmitos, no meio de papagaios de toda a especie, tatus, macacos, gallinhas e passaros de todas as qualidades.

Mais adiante estão os mercadores de esteiras, cocos, culas, talhas e moringas, que são as garrafas do paiz (9).

No fundo, dando para o mar, acha-se o mercado do peixe, onde abundão as sardinhas, camarões, carpas e peixes deliciosos que se comprão vivos; em todo o comprimento do cos que margina o mercado estão as pirogas ou canoas, onde os pescadores vendem o peixe aos lotes: ali estão sob grandes guarda-chuvas, negras que vos servem por um rintein, uma tjeffa de café quente, ou então bata'as, doces fumegantes, sardinhas fritas e angu (farinha de mandioca misturada com agua fervente, formando um mingão muito espesso); as negras mais gulosas adubão este tudo com uma especie de graxa, a que chamão *axite* da danda (10). Ali tambem se vendem as *massarocas* e a *feijonida*, isto é, tudo que constitue no Brazil a comida de negros e metido dos brancos das classes inferiores.

E' ali que se ouve fallar este idioma africano,

É ahi que se ouve a lingua
chamado lingua da costa. Nada de mais estranho :
parece não haver nella uma só consoante, não se
distingue absolutamente senão as vozes : uhú, i, a,
ahú, ó, i, ó. Consegui aprender algumas palavras,
mas depressa esqueci-as : é quasi impossível reter
uma linguagem cuja orthographia é inteiramente
ignorada.

VIM DA PRIMEIRA PARTE

VARIEDADES

Viagem de uma Parisense ao Brazil

ESTUDO E CRITICA DOS COSTUMES BRAZILEIROS, POR MME.
TOUSSAINT SIMON, TRADUÇÃO ANNOTADA POR A.
ESTEVÃO DA COSTA E CINTRA

PARTE SEGUNDA

O RIO DE JANEIRO

SUMARIO — A rua Direita. — As Palliadas. — A rua do Ouvidor. — O Circovado. — A rua do Rosario. — A febre amarella. — Minha primeira palavra portugueza. Supp'licio infligido aos negros. — As procissões. — Uma lugubre historia.

Quando desembarcámos no Rio de Janeiro a primeira rua que se nos antolha é a rua Direita, uma das mais bellas da cidade, bastante larga e orlada de ambos os lados de casas de um ou dois andares, pintadas de diversas cores. A maior parte das casas é de construção antiga.

Ha muita animação nesta rua, porque elle tem a praça do commercio a sua sede (1). Tres ou quatro bellas igrejas, entre outras a de Santa Cruz e a do Carmo, tornão-se a tereza. Em toda a extensão da rua, nos degrados das igrejas ou a porta dos armazens estão acocoradas negras minas (as Minas são originarias da provincia de Minas na Africa occidental) grandes da idade mais bella idade, e: uma fina camisa, guizuelo de renda, apertado encobre o collo, e uma saia de gualles branca sobre outra de cor violacea e nittas toda a sua vestimenta; fazem os pés em uma especie de chinelos de altas tacões, chamadas *lunetas* em que não pôde cair sem a porta dos dedos; trazem o peçoço e os braços carregados de collares de ouro,

de coral e muitos pedaços de marfim dentes, copeie de madeira, que não se entende, têm a virtude de conjurar a má sorte; então um grande pedrão de malachita com duas ou três voltas a tola da cabeça, em forma de turbante, e trazem entre pedrão de fazenda riscado sobre as espaldas para se cobrir quando têm frio, ou cingir com elle a cintura quando vêm com um filho às costas. Muitas vezes achão bellas estas negras; quanto a mim confesso a sua carapinha lauda, a fronte baixa e deprimida, os olhos injectados de sangue, a enorme boca com grossas labias e dentes separados, e os ouvidos como o nariz achatados, tudo isto e o conjunto sempre me parecen constituir um typo muito feio. O que ellas têm de pouco vulgar é o andar. Caminham com a cabeça levantada, o corpo adiantado, os braços em amphora sustendo o taboleiro de fructos sempre collocado sobre a cabeça. Tão pés e mãos pequenas bonita estatura, e o andar de embaraçado e acompanhado de um movimento de quadris muito provocador (2), ainda que acompanhado de certa altivez, como a da Hespanhola. O peito é apenas encoberto pela fina camisa, algumas vezes nem trazem os seios nus; muito poucas, porém, têm collo bonito. Só entre as mulatas jovens encontra-se tal belleza. Quanto ás pretas, não é exagerado dizer-se que aleitão facilmente o filho que trazem às costas: em vi fazê-lo a algumas de minhas servas; sómente ha attender que não é propriamente do meio das costas, mas por baixo do braço que a criança mama. São muito debocadas as negras minas: são ellas que deprimão a mocidade do Rio de Janeiro; não é raro ver estrangeiros, nomeadamente Ingleses (3) fazerem loucuras por ellas.

Em uma obra sobre o Brazil, escripta pelo Sr. Ex-pelly, li o seguinte: « Quem quer que alguma vez sentio o cheiro doce e penetrante da *cattinga*, achará para sempre incommodo o aroma exhalado pela pelle das mulheres brancas. Pela não! É tal qual como os que adoram o cheiro do alho e o preferem á das trufas, ou, melhor ainda, os que antepoem o alho aos vinhos finos

Não é raro também ouvir fallar de *sueltas*, dadas nos brancos pelos pretos ciosos.

Quando um homem deseja estas creaturas *el* é preciso fazer-lhe um signal para que o sigão. Tive em meu serviço uma tal, que, acabada a respectiva occupação, desaparecia, para entregar-se a este edificante commercio, e achavão conta estranha quando eu as reprehendia por tal motivo. Respondião assim: A gente deve ao menos ganhar com que compra uma peça de rentia. Nossas mães brasileiras não são como madame, e dão-nos algumas horas para isto todas as noites (4).

Não sendo intenção minha fazer aqui a nomenclatura das ruas do Rio de Janeiro e de seus monumentos, deixarei este assumpto, depois de ter dito uma palavra sobre a rua do David, ou essencialmente franceza em e as lojas de nossas modestas, cabelleireiros, floristas, vendedores de orgãos, com todo o esplendor. E' o rendez-vous habitual das rapazes da cidade, que, sob o pretexto de comprar chapéus ou gravatas, vêm fazer a corte ás Francezas, por quem não são lencamente apaixonados (5).

Esta rua, ainda que estreita e feia, é de alguma maneira o *boulevard des Italiens* da capital do Brazil; não se ouve ali fallar senão francez, e que francez santo Deus! E' ali que se torna visivel a importância que se dão os nossos compatriotas, que, sabendo daqui pobres e humildes creioiros, conseguirão alli estabelecer-se, tornando-se patrões!... Altivos do seu cinbeiro e dos seus escravos, com difficuldade dignão-se honrar-nos com um ligeiro cumprimento de protecção.

A minha chegada fui recebida por um antigo official latreiro (*plumbier*) e sua mulher, *virrenus* em toda a extensão do termo, e muito desfructaveis. O marido não abria a boca senão para fallar dos seus contos de réis e dos seus escravos. Quanto á mulher, muito *poteyosa* também, e mo ella dizia, repimada em uma pol rona, com um vestido desatado, que mostrava o que devers com todo proveito proprio occultar, interrompia a sua partida de jogo de cartas para gritar a todo o momento: « O' n'grinha! dá-me o leque! O' n'grinha! dá cá a bu-

cela do rapé! O' negrinha! traz-me um copo d'agua! O' negrinha! apanha aqui o lenço! » e este lenço, principalmente, ella o deixava cabir vinte vezes durante a noite, para ter o prazer de manda-lo apantar por uma negrinha de sete a oito annos, accorrida a seus pés.

Quando tornára á França trouxeram comigo um moleque de 5 annos apoco. Era uma curiosidade que exhibão. Vejo sempre este desgraçadinho tremendo e c'lhido junto á lareira; para o aquecer seus senhores fazião-n'o beber aguardente nos calices. Ao cabo de mais mezes destes intelligentes cuidados o pobrezinho morreu, sem continuo se aquecer.

Kata par tiuba por amigos um velho tintureiro e um velho pastoreiro, retirados do commercio, que duas ou tres vezes por semana vinham passar a noite com elles, e eu tive a boa fortuna de me achar presente a uma destas reuniões. O francez que então fallar não sabirá já mais da minha memoria. Como eu viate eu tinha annos de residencia no Brazil elles nãoão desaprentido o pouco de lingua franceza que porventura alguma vez souberão, e o meu tambem souhecessem um pouco peor a lingua do pais que habitavão desse tantos annos, fallavão um idioma impossivel, uma mistura insensata das duas linguas e enxada de bouções tão extravagantes, que acreditei que o prim ou hebraico, cust rdo me a persuadir-me que erão effectivamente quatro Franceses que conversavão juntos. Accuso dizer que não t'nei ali, *ambora* a ex-latoeira (*ex plumbiere*) me disesse, com uma das mãos na cintura e abanando-se com a outra: « Creio que jantastes satisfactoriamente, não é assim? » e o marido tivee entoadó a pedido geral uma excepção, cujas coplas terminavão invariavelmente por esta attribuição, repetido em c'oro: *Et, par gent, je suis vidangeur!*

Apenas havíamos chegado ao Rio de Janeiro, começaram a fazer nos esta perguntia: « Já foi ao Corcovado? Quando vai ao Corcovado? » Foi necessario, pois, ir ao Corcovado, e marcou-se o dia para a famosa ascensão.

Partimos ás 3 horas da madrugada, pois é necessa-

rio, pois, ir ao Coreanado, e marcou-se o dia para a famosa ascensão.

Partimos ás 3 horas da madrugada, pois é necessario evitar quanto possivel o calor do dia. De ordinario reuñem-se de quize a vinte pessoas para esta passeata. A nossa pequena caravana compunha-se de 16 pessoas, não incluindo os pretos que nos seguíam, levando á cabeça grandes cestos com as provisões. Enquanto ás negras, têmão a seu cargo as crianças, que comparecem a todas as festas, até ao espectáculo, tal é a confiança que ha nas escravas

(1) No original: *la bourse*.

(2) Assim está no original da autora: *un mouvement de hanches assez provocant*.

(3) Agora são os Ingleses: elles que agradeção. Em todo o caso, ha muita exaggeração nas palavras da autora, exaggeração perdoavel, pois conhece-se que escrevem por informações de pessoas pouco scrupulosas.

(4) Que injuria ás familias brasileiras faz aqui a autora, por informações ou desculpas de uma escrava devassa!

(5) Os ociosos, os palpaves, sem duvida!

para tomar conta dellas. Algumas vezes tomão-se animaes de carga para as meninas e as provisões, e ascende-se parte da montanha a cavallo. A segunda vez que fiz a excursão do Corcovado foi por este modo, e confesso que lhe dou preferencia.

Começa-se a subida pelo morro de Santa Thereza; a meia-escosta está o convento deste mesmo nome, que dá asylo a vinte e uma religiosas apenas. Voltai-vos agora e admirai! A vossa pés descende-se o pinel da magnifica bahia do Rio de Janeiro, com seus navios de todos os paizes, com seus montes tão pittorescamente recortados, com suas ilhas verdes semelhante ramalhetes fluctuando no mar. Vedes de um lado a cidade toda pintada de diversas cores, depois, ao longe, o mar largo.

Muitas vezes disse comigo que, se me viesse á cabeça tornar-me religiosa, seria ao convento de Santa Thereza que eu pediria repouso e meditação. Em presença de tão grande natureza, nossas sociedades, chamadas civilizadas, são bem pouca coisa! Ali, as nihilidades humanas desapparecem e não mais nos lembramos senão de Deus.

Subamos subamos ainda. A' direita está o aqueducto que desce do cume do Corcovado até a cidade, para abí distribuir a chamada agna da Carioca, que deu assumpto ao proverbio brasileiro: « *Quem beheu agua da Carioca, não póle beber d'outra* » e a este outro: « *Bebeste agua da Carioca, não póles mais rir senão aqui* ».

Os habitantes do Rio de Janeiro têm tambem o costume de chamar *cariocas* aos seus conterraneos, habitantes do Rio.

Subamos sempre. Eis as grandes arvores que começam a apparecer: a mangueira, a tamarineira, a fructeira de pão; depois, nos planaltos, a bananeira, de fructos substanciosos e saborosos, o caqueiro, a laranjeira, o cafeiro e em seus grãos vermelhos e folhas de um verde-escuro lustroso: a palmeira, de effeito tão pittoresco na paisagem brasileira; os limoeiros, algodoeiros... que mais direi?... tudo isto se entrelaça, se combina e forma sobre as vastas es-

boças uma abobada de vertebra, onde os mais quentes raios do sol não podem penetrar. Os fructos, os filices, a relva, tudo convida; mas a natureza aqui é perfida, o veneno occulta-se sob as mais lindas flores — sob os mais vistosos fructos: alguma cobra de peçonha mortifera rasteja talvez sob esta relva, enfeada com; um lacerio porventura alli estará esperando para fazer uma dolorosa ferida. Lembra-te que estás no Brazil, deusinho, est a girar, e sobe sempre!

Chegámos, enfim, a um lugar chamado *Dous Irmãos*, por causa de duas pedras, triangulares que parecem rememorar a D. João VI.

Aqui a natureza caravana fez alto. Verdesmos, perto da fonte, numa bella elevação, que foi primitivamente explorada com cautela, pelo recuo de algum mulo encounter. Os negros fôrão colher as canecas de uma agua fresca e limpida, de que os Europeus não podem ter idéa. O serviço foi collocado sobre uma esteira, que nos servio de mesa, e fizemos todos um repasto frugal e aprazivel adobado por muito appetite.

Os pretos formáram um grupo á parte, que não era o menos original do quadro. Acenderão fogo com alguns gravetos, e sobre duas pedras puzeram a marmita, em que aquecerão os *sejões* (*haricots noirs du pays*), que pulverisáram com farinha de mandioca; depois, amassando-o todo com as mãos e formando grossos bolos, começaram a apanhar a boca com grande destreza. A quem quizer obriga-los a comer com uma colher, responderão que isso lhes tira muito o sabor á sua *sejoadia*.

Durante o almoço as *mucanas* (*femmes de chambre*) agitavam por sobre nossas cabeças largas filhas de bananeira para coxetar as moscas e outros insectos, abanando-nos ao mesmo tempo.

Terminada a refeição, recommçámos a ascensão, mais penosamente agora, porque o sol estava já muito quente e começavamos a sentir-nos fatigados. As arvores tornavão-se cada vez mais copadas e ramalhudas, as cédas se enlaçavão, e parasitas de todas as especies pendião d'ellas. Chegámos enfim á *Mãe d'Agua*.

Até o Europeu pôde ter uma idéa destas bella-

florestas virgens, destruídas por nossa inexorável civilização; todo o ruído humano cessou apenas se ouviu um susurro sem nome, dominado de vez em quando pelo canto agudo e estridente da cigarrinha; ali cada herminha, cada arvore, cada folha encerra um mundo, vemos nos sóz, entretanto sentimos que uma multidão de seres move-se em derredor de nós, mal podemos perceber o apice das arvores seculares que nos cercão; é um chaos inextricavel e grandioso que nos atrahê, e eu fiquei em extase ante essa natureza selvagem e gigantea que me inspirava a um tempo terror e admiração.

Da *Moi d'Agua* em diante é necessario trepar por atalhos a pique, e enfim, depois de cinco ou seis horas de caminho, chega-se ao alto do Corcovado. Magnifico panorama desdobra-se então aos olhos do observador: é um espectáculo magico! Confessarei, entretanto, que tive mais enthusiasmo no meio da montanha do que no seu cume. Parece figurar em pensamento o esplendido painel que descortinaria de tel altura, mas não pode preenhir a emoção profunda de que seria tocado ao aspecto de uma natureza semelhante virgem das mãos de Deus.

Recalhe-nos, á nossa chegada, á casa do tio, mas eu pria-nos procurar alojamento.

Depois de ter percorrido toda a cidade, só podemos achar o que precisavamos na rua do Rosário. Ah! que rua para Parizienos habituados a todo o conforto e luxo de nossa capital! É uma rua estreita, triste, e não tem por lha ao rez-do chão de cada casa senão tendas brutas e, sombrias tendas, onde se achão amontoadas em pilhas carne secca, bacalhão secca de fajão, arroz, assu como queijos de Minas.

Quem chega ao paiz está bem longa de suppor que esta especie de curro enolado em pacotes, quasi assim vê amontoadas, possa ser carne. Entretanto é o principal alimento do povo, e não ha Br zileiro, que não prefira a carne secca á carne verde (6). É impossivel dizer qm o repugnante é o cheiro deste bacalhão e desta carne secca! Imagine-se que a vida é

estrela, nova varrida em regalo, que o sol dos tropicos a aquece e tingurenta e faz-se-ha idéa das emanações que dalli se desprendem.

Foi lá que meu marido e eu cahimos doentes da febre amarella, que appareceu pela primeira vez no Brazil no anno da nossa chegada. Até então, o mal fôra muito raro. Logo que esta terrivel molestia cahiu sobre o Rio de Janeiro, atacou primeiro os estrangeiros, depois os pretos, em seguida a classe pobre, e por fim tambem os Brasileiros acausados, mas em numero menor.

A população era tão grande na cidade, e os cemiterios tão cheios, que não se podião mais enterrar os mortos; nada mais de tristeza, de luto, de angustia; por toda a parte o luto.

Os theatros aconser-vava-se fechados, grandes procissões percorrião as ruas todas os dias para pedir a Deus o fim do flagello. Na frente da procissão iam moças vestidas de branco. Quando chegavaõ a uma praça publica, uma das moças subia a um banco e recitava em voz alta uma oração, que as outras repetião depois della. Nada mais lugubre do que estas reas parimodias em tom monotonno, e interrompendo o triste silencio de toda a cidade! Todas as manhãs eramos informados da morte de algum dos nossos compatriotas. Dos vinte e oito passageiros nossos companheiros de viagem, dezeseite já haviam succumbido, quando me senti atacada da molestia de que reconheci logo os symptomas.

Tinhão-nos recommendado á nossa chegada um medico homeopatha, chamado Dr. Paitre, ao qual fomos apresentadas. Meu marido correu logo á sua casa, mas inutilmente: o doutor tambem cahira doente e havia se retirado para longe da cidade, fóra deste foco de infecção, no qual tão difficil era conseguir a cura. Que fazer n'um caso destes? Tirei da mala uma botica homeopathica, que me fôra dada pelo proprio Hah-nemann antes de minha partida, e procurei no Manual de Jarr, que eu já havia estudado, os symptomas do meu mal. Comecei a tomar os medicamentos: *veratrum* e *opercacantha*, simultaneamente. Nesse dia, a preta que tinhamos alugado cahiu

diente, e forçou fôr devolvê-la a seu senhor. Por fim tocou a vez do meu marido, que sentio-se repentinamente atacado de calafrios.

Chegados apenas havia tres mezes, a ninguém conhecendo na cidade, não vendo quasi os parentes que nos acolherão ao principio, sem medico, sem criado, com muito pouco dinheiro e um menino de 18 mezes, que eu acalara de amamentar, tal era nossa posição. Meu marido teve de ir para a cama e eu o tratei como me tratei a mim mesma. Aquelle de nós que se sentia melhor levantava-se para dar de comer á criança, que, felizmente, nada soffreu. Tive a fortuna de salvar nos a ambos, e entramos em convalescença. Dirigi-a a meu modo, com caldo gordo, em que lançava um punhado de ceda cozida. Um pouco de arroz e arroz completarão o repasto. Tivees a este regimen, de excessiva sobriedade, nossos esmagos se restabelecerão perfeitamente, e, depois disso, durante dois annos que habilitemos a paiz nunca mais fomos atacados da febre amarella. Cumpre dizer que esta moléstia ataca com muito mais violencia aos que fazem excessos, de qualquer natureza que sejam, de bebidas, por exemplo, ou mesmo de fúrias. As laranjas, comidas em quantidade, têm levado á sepultura mais de um recém-chegado. Os Brasileiros não comem nunca a laranja que acabão de colher da arvore; julgão que assim ella produz febre; é necessario deixar primeiro amadurecê-la, dizem elles.

A febre amarella é presentemente endemica no Brazil como o cholera em nosso paiz; apparece de tempos a tempos, em quadras de grande calor, mas não se apresenta mais tão mortifera como no principio, porque sabem trata-la.

Nos paizes tropicaes é preciso observar mais sobriedade que em outros lugares. Aquelles que, habituaes ao vinho e licores, querem continuar no Brazil o mesmo genero de vida, não gozão desta por muito tempo.

E' fazer como a gente da terra: beber agua. De resto, a agua é tão boa no Rio, que bebê-la é quasi um regozijo. O Brasileiro bebe á noite quatro ou cinco

copos; é tão limpida, tão perfumada, tão leve, essa
água da Carica, que se põe sobre brancas pedrinhas,
através de plantas aromaticas que sempre nos recor-
damos della, dando razão ao Brasileiro, quando diz:
« Quem bebeu desta agua, não pôde beber d'outra. »

Tínhamos por vizinha na rua do Rosario, no andar
superior, uma senhora hespanhola que servia-se com
quatro ou cinco escravas. Todos os dias repreen-
do-se espantosas scenas por cima de nossas cabeças.
Pela mais ligeira omisso, pela menor falta de uma
dellas a Hespanhola castigava-as com chicote ou
palmatoria, e nós ouviamos as pobres pretas lança-
rem-se de joelhos, gritando: « Perdão, senhora! »
mas a insupportavel patão não se deixava nunca en-
ternecer e dava sem dó o numero de pancadas que
queria. Este espectáculo fazia-me um mal horrivel.

Um dia em que as *chicotudas* chovão mais que de
costume e os gritos cortavão o coração, levantei-me
repentinamente, e dirigindo-me a mim mesmo, que
nascido no Brazil de pais francezes, fallava o por-
tuguez como a propria lingua: « Como se diz
Lourenço? perguntalhe. » — « *Carrasco* » respondeu-
me elle sem comprehender por que motivo lhe fazia eu
a pergunta. Sumo correndo e apressado, abrio a porta
da Hespanhola e atirou-lhe esta unica palavra: « *Carrasco*! »
Foi esta a minha primeira palavra em por-
tuguez. Essa mulher ficou aterrada. Depois disso, não
ouvindo eu nenhum ruido mais, julguei ter salvo as
desgraçadas. Não foi assim; dahi em diante a mulher
as amordiajava para que os gritos não fossem ouvidos
por mim. Foi tanto quanto ganharam com isso.

Este espectáculo da escravição foi, durante os pri-
meiros annos de residencia no Brazil, um dos suppli-
cios de minha vida, e não contribuiu pouco para a
nostalgia de que fui affectada e de que julguei
morrer. A cada instante minh'alma se revoltava
ou sangrava, quando passava por um destes *leitões*
onde os pobres negros, trepados sobre uma mesa,
são sujeitos aos laços e examinados nos dentes e
nas pernas como cavallos ou mulas; eu via cobrir o
lanço e entregar-se uma negra moça ao *fazendeiro*,
que a reservava para serviço intimo (7), enquanto

zeu filbioho e a algumas vezes vendido a outro se-
nhor. Diante de todas estas scenas de barbaria, meu
coração revoltava-se: generosa colera borbulhava-me
no peito, e só com esforço me continha, no desejo de
gritar a todos estes mercadores de carne humana:
Carrascos!

Apenas chegára a acalmar-me, encontrava, al-
guns passos diante um pobre negro com uma ma-
scara de ferro; é assim que se pugia a embriaguez
no escravo ha doze ou quinze annos. Os que be-
bido são condemnados a trazer uma mascara de

(6) A autora faz aqui a seguinte observação. —
*«Chair verte: on pourrait penser que verte veut dire
pourrie; au contraire, c'est viande fraîche.»*

(7) No original: qui la reservait a son service in-
time. A autora, infelizmente, não exagera nesta pin-
tura; isso já se viu nesta terra.

ferro, que se fechava na parte posterior por um cadeado e se não tirava senão á hora da comida. Não se pôde imaginar a impressão que produziam estes homens de cabeça de ferro! Era medonho! e avalie-se que supplicio sob este calor tropical! Os que fugião erão atados a um poste ou trazião ferro ao pescoço; outros, enfim erão enviados á correção (prisão penitenciaria), onde, depois de atados, spanhavam 40, 50 e algumas vezes 60 chicotadas, administradas muitas vezes. Quando o sangue corria, paravam; pensavam as feridas com vinagre, e no dia seguinte recommençavam. (8)

Não se deve accusar ao imperador do Brazil por este estado de cousas. Ao contrario, é elle de muita humanidade, e seus escravos são tratados mui suavemente. Subindo ao throno achou estes costumes; não podia modifica-los em um dia; precisava fechar os olhos aos tratos dados aos negros, porque só elles erão capazes de supportar os trabalhos de agricultura neste solo de fogo.

Tem-se empregado muitos esforços para angariar colonos de todos os paizes, afim de substituirem suavemente os negros; mas os Francezes resistem apenas alguns mezes; os Ingleses, que querião continuar o seu regimen de g.ia. morrião logo e congestionados; os Chineses, raça preguiçosa e abastardada, não davão nenhum resultado. Sômente os Allemães chegarão a fundar uma pequena colonia, isto mesmo na parte alta e montanhosa do paiz, cujo clima se aproxima um pouco ao da Europa. (9)

Que fazer então? Se a escravatura fôrse repentinamente abatida, o paiz se arruinaria. O Imperador achava-se diante de todas estas difficuldades.

A unica raça apropriada á cultura no Brazil é, sem nenhuma duvida, a raça indigena, os Indios, os Caboclos, como os chamão os Brasileiros. Mas, accostada como tem sido, recusando submeter-se, refugiada no seio das florestas, selvagem, anthropophago mesmo ainda em alguns lugares, não se espera poder domar a tão cedo.

Quanto á raça brasileira, mistura do sangue eu-

raça americana e africano, tem toda a indolencia
criolla, é fraco, abastardado, muito intelligente e
não menos orgulhoso. É evidente que ao commercio
com os negros se deve em parte o empobrecimento
desta raça. As negras com seus ardores africanos es-
tao na mocidade do Rio de Janeiro e das provincias.
Ha no sangue dellas um principio acre que mata o
branco.

O dente mesmo das negras é frequentemente peri-
goso. Vi mais de um exemplo no Brazil, de senhores
europeus (pois que um Brazileiro não a bate em seu
escravo), que castigando os negros, fôrão por estes
mordidos, e apenas encontrando os dentes, e foi-lhes
preciso cortar o braço. (10).

A raça Brazileira é incapaz de supportar os
trabalhos rudes, tanto mais que ella despreza
todo o trabalho manual. Nenhum Brazileiro se
sujeita a servir; querem todos ser senhores. Assim,
pois, se a escravatura fosse abolida repentinamente,
a cultura ficaria paralyzada: era a fome a bater á
porta. Cumpria preparar suavemente o paiz e os
espíritos para esta grande revolução. Foi o que fez
D. Pedro II; e quando, no seu entender, chegou a
hora, declarou livres os filhos das escravas que nas-
cessem de ali em diante.

Deste modo, felizes os negros por verem seus fi-
lhos livres, supportão a escravidão com mais coragem,
e, quando esses filhos acharem meios de ganhar a
vida no paiz que os viu nascer, é provavel que ali
permaneam e cultivem a terra.

Entretanto, este grande numero de negros livres é
um ponto negro no horizonte brazileiro: seu numero
excede já muito ao dos brancos. (11) É de recear,
talvez, que uma vez aflorados, tenham terrivel re-
pressalia, e que o futuro não se vingue do passado.
Esperemos, porém, que o Brazil não tenha o seu São
Domingo.

O que é espantoso sobretudo é a raça mulata. É
evidente que está destinada a governar um dia o paiz.
Tm. segundo dizem, as boas qualidades e os defeitos
das duas raças de que se origina, e dá provas de
uma intelligencia notavel. É entre os mulatos que

re conta os mellicos celebres do Rio, assim como os estadistas mais proeminentes.

Tornem-se, porém, as minhas notas de viagem.

Entre as coisas cuja lembrança me impressionou, ao chegar, devo contar as procissões. Fui convidada para casa de um negociante francez para ver passar primeiro a procissão de quinta-feira santa e depois a do S. Jorge. Nestes dias estalão-se as janellas com colchas de damasco encarnado, azul ou amarello, e em cada janella ostentava-se as Brasileiras em *grande toilette*, isto é, com vestido de seda preta decotado e de mangas curtas, com o pescoço e orelhas carregadas de diamantes; proximo dellas estavam seus filhos cercados de mulatiõhas e moleques, e, atraz as *amas secas*.

A procissão de quinta-feira só sahê á noite. S. José e Nossa Senhora abrem o prestito, levados cada um por seis negros ou mulatos; depois vem Jesus Christo na cruz entre dois ladrões, e por fim Judas, que no dia seguinte será queimado em effigie, sob a fórma de um manequim de palha, em todos os quartelões da cidade.

Adiante, e após os santos, marchão os *anjos*, isto é, meninos de cinco a seis annos, com saias muito curtas, todas bordadas a ouro, e tão estufadas como as sapatas de nossas avós. Trazem duas grandes azas de gaze ajustadas ás costas, e na cabeça um diadema de palraras; devem caminhar saltando, com um rythmo cadenciado, espazido pelo caminho petalas de rosas que trazem em uma cestinha. De ambas as lados desfila um a um os Brasileiros, os muíslas, e mesmo os pretos livres, trazendo cada qual o uniforme da confraria leiga a que pertence, uma especie de capa com capuz, de seda encarnada, azul ou amarella, conforme a *irmandade*, e todos com uma grande tocha acesa na mão. O Imperador e a Imperatriz acompanhão sempre a procissão de quinta-feira santa. Visião sete igrejas, em memoria dos sete passos de Jesus-Christo.

A procissão do S. Jorge é mais curiosa ainda, por causa do manequim que representa o santo; é um *houzanne* de cota de malha de ferro e na cabeça

um capote e m a viseira meio descida. Ajusto n'ò
cotoo porem sobre um cavallo, e a seus flancos ca-
minhão dois caselleiros, cuja exclusiva occupação é
saltar jor-santemente S. Jorge sobre a sella. Nada
tão grotesco como ver este manequim pender, a cada
movimento do cavallo, ora á direita ora á esquerda,
ou inclinar-se para o pinoço do cavallo ! Nada,
perém, de rid. E' bom de ver com que respeito os
dois ardeleiros repõem um equilibrio o grande
tanto, e como cada qual se presta diante delie á sua
passagem !

Os dias de precizão são de grande festa no paiz,
assim como o de S. João, em que as familias brazi-
leiras têm o costume de receberem se mutuamente e
convidarem a tomar uma *chicara de chu* ou a beber
um *copo d'agua*, formosas consagradas de convite,
para um sarão, quasi sempre dançante.

No dia de S. João atendem os negros grandes fu-
queres em tolas as praças da cidade, e nessas fu-
queras cozem batatas doces e assão canas, que ser-
vem queentes aos convidados, em grandes pratos no
meio do sarão.

Todos estes costumes começam a perder-se no Rio
de Janeiro, mas conservão-se religiosamente no in-
terior do paiz. Vi em tres dias, algumas senhoras
dancarem, a pedido geral, o *lundu*, dança racional
que as moças de hoje mal conhecem, e que consiste
em uma especie de passeio cadenciado, com um mo-
vimento de quadris e de olhos a que não falta origi-
nalidade; todas as circumstantes, acompanhão fa-
zendo estalar os dedos como castanholas para marcar
o compasso.

Nesta dança o homem não faz mais que girar em
torno da dama e persegui-la, enquanto esta lhe foge
com gatimanhas gentis e provocadoras.

A primeira vez que fui convidada no Rio para um
dos bailes de S. João, lembra-me que, dançando,
lancei os olhos para o artista que se actava ao piano
e fiquei impressionada pela estranha pallidez de seu
rosto. Tão extraordinaria era que não pude resistir
ao desejo de perguntar se esse moço, que poderia ter
trinta e cinco annos, soffria de alguma enfermidade

grave. Responderão-me que ficára assim desde que matára a mulher.

Imaginem o effeito que sobre mim produziu tal resposta! Quix logo conhecer os detalhes desta tragica aventura, e eis o que me contarão:

O Sr. M., um de nossos compatriotas, chegára tres mezes antes com sua mulher, moça e lindissima, escripturada para um dos theatros do Rio de Janeiro. Aos pés da encantadora artista chovião todas as noites as declarações e as flores, e entre os mais apaixonados fez-se logo notar um joven doutor, que tinha feito seus estudos em França, e cujo espirito havia tomado o desprendimento e scepticismo proprio aos Parisienses. A moça correspondeu em pouco á paixão que inspirava, e tornou-se amante do doutor. Começando o marido a desconfiar de alguma infidelidade reprehenden por diversas vezes sua mulher; entretanto, não tinha ainda certeza.

Um dia, que a artista preparava-se para sair, mais adornada que de costume, pensou o esproso que ella ia a alguma entrevista amorosa e, collocando-se-lha na frente:—Não sahirás! disse-lhe—Hei de sair! replicou ella, dirigindo-se para a porta. Então, puxando do bolso uma pistola, desfechoa aquelle dono tira a queima-roupa sobre a infeliz moça, entendendo-a a seus pés: feito o que, foi entregar-se á prisão. Depois de ser julgado, foi absolvido pela lei, e ficou no paiz, onde a cada passo encontrava o homem que o denunciára. Tere coragem de matar a mulher, não a teve para fazer face ao homem!

Manchado por este crime, trazendo dahl em diadema, como eterno estigma, essa pallidez cadaverica, continuava, entretanto, a vir ás noites tocar polkas e quadrilhas nos varões, pois fez crime o puzera, até certo ponto, em moda.

Esta narração gelou-me; meus olhares não podião desviar-se deste homem, a quem geralmente lastimavão, enquanto eu não achava para elle senão esta palavra: o Covarde! O baile parou logo para mim toda a graça; a nota lugubre dominava nelle. Julguei-me sob a impressão de um conto de Hoffman; parecia que um vampiro dirigia a dança.

Pensei muitas vezes nessa joven e bella creatura, assassinada na flor da idade, e quiz saber se o amante teria, ao menos, conservado uma lembrança della. Informei-me que, quando a moça morreu, mostrara grande sentimento, e fizera mesmo exhumar secretamente os restos mortaes da artista. Isto enterneceu-me.

Alguns annos depois consegui completar as informações sobre esta aventura. El-las :

Soube que o amante, doutor em medicina, como ficou dito, fizera arrumar e articular o esqueleto da que fora sua amante, e algumas vezes, depois de beber, dizia a seus intimos amigos : — Quereis ver no que se muda, depois da morte, uma mulher loura e rizada ? Vou mostrar-vos ! »

O doutor alia então, riendo-se, num armario, e mostrando o esqueleto da formosa creatura, cuja belleza ainda é proverbial no Rio de Janeiro e que fora assassinada por causa d'elle : « Eis ahi ! » dizia.

FIM DA SEGUNDA PARTE

VARIEDADES

Viagem de uma Parisiense ao Brasil

ESTUDO E CRÍTICA DOS COSTUMES BRASILEIROS, POR MME. TOUSSAINT-SIMON, TRADUÇÃO ANNOTADA POR A. ESTEVÃO DA COSTA E CUNHA.

PORTE TERCEIRA

A FAZENDA

SUMARIO—*Partida para a Piedade—O pagem.—A boiada—O feitor Ventura—A oração dos negros.—Distribuição das rações.—O batuque—O feiticeiro.—As cobras—As mulatas da fazenda.—A mulher do administrador*

Tento-me sido preciso mudar de ares em razão de uma febre lenta que me ia consumindo, um Brasileiro com quem meu marido travára conhecimento, offereceu-se para levar-nos á sua fazenda (1) onde passaríamos um mez, o que de mui bom grado aceitámos, desejosos como estávamos, de visitar o interior do paiz e estudar-lhe os costumes.

Fazenda é um estabelecimento agrícola, onde se cultivão particularmente o arroz, o café, a canna, feijões e mandioca. Algumas ha de 15 ou 20 leguas de extensão.

Aquella para que fôramos convidados estava situada proximo a uma cidade chamada Mana, (2) e denominava-se a fazenda de S. José. Para lá chegar era preciso atravessar em vapor essa admiravel bahia do Rio de Janeiro, matizada de ilhas graciosas, entre as quaes se notão a do Governador e outra chamada de Paquetá, que é um encanto pela luxuriosa vegetação, parecendo surgir das ondas como um immenso ramo de flores.

Gastámos tres horas a atravessar a bahia em todo o seu comprimento, e devo dizer que os passageiros que tivemos por companheiros de viagem não prima-

vão pela delicadeza. Uns, gordos vendeiros portuguezes, tiravão os sapatos e coçavão os pés durante a viagem; outros deitavão-se meio despidos nos bancos, e roncavão sem se importarem com as demais pessoas que ali se achavão; negros sujos e exhalando máo cheiro, carregados de castos e comestiveis de toda a especie enchião a embarcação, de modo que ficámos satisfeitiísimos de deixar esta amavel companhia desembarcando na Piedade. Triste porto esse, naquella epoca! Só se via alli uma habitação, um casarão, cujos immensos telheiros servião de deposito ás cargas da cidade e do interior. Alli pousão os *fazendeiros*, os *mascates* e os *tropeiros*.

Alugão quartos e dão de comer a toda esta gente. Debaixo do rancho (3) estão reunidos confuzamente mulas, cavallo, porcos, carneiros. Nossas cavalgaduras devião ter vindo esperar-nos neste rancho.

Levarão-me a um quarto para que pudesse mais a gozto enfiar o meu vestido de amazona. O desaceio deste lugar era indescritivel; jámais, supponho, entrou ali a vassoura! Eu não sabia onde pôr a roupa que tirava e a que ia vestir; as cadeiras estavam cobertas de poeira e as camas ainda mais sujas: assim andei de um para outro lado mais de um quarto de hora antes que me decidisse a vestir-me.

Acabava enfim de apromptar-me, quando o Sr. P... veio prevenir-nos que o seu pagem nos esperava com os animaes. A este nome pagem, meu pensamento evoca logo a imagem de um Cherubim: figurou-se-me um gentil moço de gibão de seda e capa de veludo. Decepção! Em vez deste pagem ideal, vejo um negro de beiços grossos, nariz achatado, com la de carneiro por cabelreira, enfrouhado em uma grande libré encarnada, cujos gôlões já gastos e poidos proclamavão os longos serviços que tinha prestado, ella, a libré, que, sem duvida, figurára outr'ora no theatro Francez, e, successivamente, em todos os outros theatros antes de vir ornar os hombros do pobre Africano, que vestia tambem uma calça de grosso algodão e trazia enormes esporas de prata, atadas por corréas nos enormes pés descalços, tal era o pagem que nos esperava. Ao vê-lo, tive um ataque de riso, que com

difficuldade pude conter durante a viagem, cada vez que os meus olhares caíam sobre a grotesca fatiota que fazia lembrar as elocubrações fantasiosas de Chicard.

Seu senhor complimentou-o com estas palavras: « O' senhor pulife! é burro! » e isto durou, sempre neste tom, enquanto o preto sellava os cavallos.

Puzemos-nos, emfim, a caminho, eu a cavallo ao lado do *illustrissimo* senhor fazendeiro, meu marido depois, de par com meu filho mais velho, que tinha sete annos apenas, mas segurava-se bem na sela. Ao deixar a Piedade, a estrada é a principio muito feia, quasi sem vegetação, na extensão de quasi meia legua. Os cavallos caminham sobre areia, o que parece provar que esta região foi outr'ora coberta pelo mar. Pouco a pouco apparecem as arvores, e emfim coadta-se uma floresta virgem, onde os gritos dos papagaios e macacos vem lembrar-nos que estamos no Brazil.

De momento a momento tinhamos de escalar outeiros, por atalhos tão estreitos, que encontrando outros cavalheiros que cavalgavam da parte opposta, eramos obrigados a encostar os nossos cavallos ao rochedo para dar passagem aos que vinham: e, de uma vez, tendo-me achado, ao contrario, do lado do precipicio, confesso que tive certo susto, pois um só movimento do cavallo podia despenhar-me. Dalli em diante o caminho é um encanto.

So se vêem cipós e parasitas enlaçando-se nas grandes arvores. É uma confusão de folhas, flores e frutos, mais encantadora que tudo que o homem arranja ou antes dearranja. Não me cansava de admirar. Sentiamos, é certo, um pouco de calor; mas, no Brazil, ha sempre ar que reanima. Quando cessa a brisa de terra, começa a soprar a do mar.

Chamão-n'as, no paiz, a uma o *terral*, e á outra, a *viracão*.

Graças a estas benfazejas aragens consegue-se supportar um calor de quarenta grãos á sombra.

Com que prazer me ricordo das minhas corridas a cavallo, quando o vento levantava-me os cabellos trazendo-me o perfume das magnolias e das flores da laranjeira! A natureza proporcionou-me grandes prazeres no Brasil, e foi sempre com immenso sentimento de alegria e felicidade, que me achei a cavallo, galopando no meio desta luctuosa região.

Depois de tres horas de caminho esbagnado á fazenda de S. José; erão seis horas da tarde e o dia declinava. O gado voltava de todos os lados, guiado pelos pastores, e agrupava-se perto da cerca, esperando que abrissem a porteira. Para entrarmos era necessario atravessar por meio da *boiada*, isto é, um rebanho de uma centena de bois, vacas e touros que nos impediam a passagem. Vendo todas aquellas armações ameaçadoras, declarei a meu hospede que não me sentia com animo de passear. Elle socorreu-me vindo ao meu socorro, e disse-me que o seguisse com respeito. Segui-o, foi o que fiz; mas, sem receio, não cesso affirmar-lo. Todas aquellas almas mugião em torno de nós; mas o Sr. P... affirmou-nos que erão demonstrações de alegria pela volta dos nossos cavallos, seus companheiros. Elle chamou o pastor, um moleque de 11 annos, mais ou menos, que por vestido apenas traxia um sacco de algodão grosso atado pela cintura com uma corda. O menino reunio os animaes, e pudemos, enfim, atravessar a boiada, não sem um bater de coração de minha parte.

E' uma coisa com que nunca me pude habituar. De cada vez que ao partir ou ao chegar, me achel no meio de todos estes animaes de pontas, soffri certa emoção, aliás bem fundada, pois um dia em que nos sentamos a camêcho, um touro furioso atirou-se para o cavallo que meu filho montava. Dei um grito, e o pastor que, por felicidade se achava perto, atirou logo o laço á cabeça do animal, fazendo-o estacar e cahir sobre as patas dianteiras.

Nada mais curioso do que ver os negros atirarem o laço; com tal habilidade o fazem que a gente fica pasmo. E' por este modo que vão apanhar no pasto os cavallos ou mulas para montar; e, á volta, de-

pois de lhes terem dado um punhado de milho, tirão-lhes os arreios e os animaes voltão para o pasto, pouco se importando a gente com elles até o dia em que os seus serviços tornão a ser precisos. Não têm razão senão no dia que sahem.

A fazenda de S. José tinha cerca de cento e vinte negros e negras para o serviço da lavoura. Apenas nos apeamos conduzirão-nos aos quartos, onde nos esperava um banho com cachaca (aguardante de canna), para nos restaurar as forças. Ao chegar o fazendeiro mudou inteiramente de aspecto; o seu rosto, amavel durante a viagem, tornou-se repentinamente severo e aspero; apenas deu bom dia a uma Franceza que lhe tomava conta da casa e respondeu nos escravos que chegavão-se para pedir-lhe a benção.

Depois do banho dirigimos-nos para uma sala de jantar comprida e estreita, de velhas paredes ennegrecidas, dando para um pateo lamacento. Por unicos moveis uma mesa e bancos de madeira em torno della. Sobre a mesa estavam a tradicional feijoadá, estas com farinha de mandioca, um grande prato de arroz cozido em agua, duas frangas, bananas e laranjas.

E' isto, mais ou menos que constitue quasi sempre o jantar do Brasileiro do interior, onde a carne fresca é coisa rara.

Tinhamos trazido da cidade pão para duas ou tres dias: depois disso passavamos sem elle até o sabbado seguinte, em que mandava-se um negro a cavallo a um lugarejo chamado Santo Aleixo, onde havia um padeiro que se dignava accender o forno uma vez por semana.

(1) As palavras que, sem outro motivo apparente, se vêm acima graphadas, são as que a autora escreveu em portuguez.

(2) Quereria a autora escrever Mauá? porém Mauá uma parochia, não é uma cidade.

(3) A autora define assim a palavra rancho — Espace d'abri pour les bestiaux, qui se compose d'un toit de feuillage, appuyé le long du mur de l'habitation,

pois de lhes terem dado um punhado de milho, tirão-lhes os arreios e as animas voltão para o pasto, pouco se importando a gente com elles até o dia em que os seus serviços tornão a ser precisos. Não têm razão senão no dia que sahem.

A fazenda de S. José tinha cerca de cento e vinte negros e negras para o serviço da lavoura. Apenas nos apeamos conduzirão-nos aos quartos, onde nos esperava um banho com *cachaca* (aguardante de canna), para nos restaurar as forças. Ao chegar o fazendeiro mudou inteiramente de aspecto; o seu rosto, amavel durante a viagem, tornou-se repentinamente severo e aspero; apenas deu bom dia a uma Franceza que lhe tomava conta da casa e respondeu aos escravos que chegavão-se para pedir-lhe a benção.

Depois do banho dirigimos-nos para uma sala de jantar comprida e estreita, de velhas paredes ennegrecidas, dando para um pátio lamacento. Por unicos móveis uma mesa e bancos de madeira em torno della. Sobre a mesa estavam: a tradicional feijoadá, estas com farinha de mandioca, um grande prato de arroz cozido em agua, duas frangas, bananas e laranjas.

E' isto, mais ou menos que constitue quasi sempre o jantar do Brasileiro do interior, onde a carne fresca é coisa rara...

Tinhamos trazido da cidade pão para duas ou tres dias: depois disso passavamos sem elle até o sabbado seguinte, em que mandava-se um negro a cavallo a um lugarejo chamado Santo Aleixo, onde havia um padeiro que se dignava accender o forno uma vez por semana.

(1) As palavras que, sem outro motivo apparente, se vêm acima graphadas, são as que a autora escreve em portuguez.

(2) Queria a autora escrever *Mauri*? porém *Mauá* uma parochia, não é uma cidade.

(3) A^a autora define assim a palavra *rancha*: — Espace d'abri pour les bestiaux, qui se compose d'un toit de feuillage, appuyé le long du mur de l'habitation,

Terminado o jantar, o nosso hospede mandou chamar o seu feitor, um preto velho chamado Ventura; parece-me ainda vê-lo com o seu aspecto serio e honrado. Veio escoltado por outros negros altos, seus ajudantes: todos tres vestião camisa e calça de algodão grosseiro, e sobre os hombros trazião especies de farrapos que devião ter sido capas ou patibos em tempos remotos.

Eles rolavão em uma das mãos o chapéo de palha, tendo na outra um cajado ferrado. Ventura empunhava um *chicote*, insignia do seu commando. Traziaõ tambem á ilharga um facão (espada de mato), de que os escravos se servem para cortar canna ou abrir caminho nas florestas. Ficarão os tres de pé diante do senhor, em um angulo da sala, que era apenas allumiada por duas velas postas em grandes castiças de prata dentro de mangas de vidro. Esta scena ficou-me gravada na memoria com todos os seus detalhes, pois que, para uma parisiense, não lhe faltava originalidade.

Eis as perguntas feitas pelo senhor em tom secco e laconico, e as respostas dos escravos, pronunciadas timida e humildemente:

- Que plantarão esta semana?
- Arroz, senhor.
- Começarão a cortar a canna.
- Sim, meu senhor: mas o rio transbordou e é preciso esgotar os canaes.
- Mantia para lá amanhã vinte negros. Que mais?
- Henrique fugio.
- Cachorro! E já o apanharão?
- Sim, senhor, já está no tronco.
- Arruma-lhe vinte chicotadas e põe-lhe o ferro ao pescoço.

— Sim, senhor. Um bando de *porcos do mato* tem forçado toda a plantação de batatas, e uma *onça* appareceu hontem perto da fonte; precisamos espingardas.

- Terão tres esta noite.
- Sim, senhor.
- O *engenho* (moinho de fazer farinha de mandioca)

ca e ausencas) pôde comecar a trabalhar amanhã ?

— Sim, senhor

— Está bom. Chama agora os negros para a casa

Dirigimos-nos então para a sala de visitas, parte da casa ordinariamente situada no meio della, só tendo para allumia-la tres grandes portas para a varanda, que e de alguma maneira a verdadeira sala de visitas dos poizes quentes. O feitor tocou uma sineta, e gritou depois com voz formidavel: *Salta para a casa*

Já era noite fechada. Os bois e cavallos estavam deitados nos prados dianta da habitação, e em torno desta, dispostas em circulo, as senzalas (cabanas) dos negros, em numero de setenta, mais ou menos

Ao chamado do feitor, vi moverem-se no escuro uma especie de fantasmas: cada qual sahia da sua pobre senzala, casabres feitos de terra e lama, com folhas secas de bananeira por tecto, triste abrigo onde a agua penetra quando chove, onde venta por todos os lados e donde sahe soffocante fumaça quando o preto aquece a ceia, pois a senzala não tem chaminé nem janella, de sorte que o f. go alli se faz com um feixe, ás vezes verde, no meio da cabana. Os negros atravessárão o prado e subirão um a um os dois degrãos da varanda, onde tinham aberto uma especie de almario em forma de altar (4). Foi alli que as miserias da escravidão me apparecêrão em toda a sua hediondez. Negras cobertas de andrajos, outras semi-nuas, não tendo por vestido senao um lenço atado ao pescoço e abaixo dos seios, encobriundo apenas a garganta, e uma saia de chita, cujos rasgões deixavão ver-lhes o corpo descarnado: negras de olhar apavorado ou estúpido, vieram ajoelhar-se no chão da varanda. A maioria dellas deixava ver nos hombros as cicatrizes que deixára o chicote: muitos erão affectados de horribes molestias como a elephantiasis e a lepra. Tudo isto era immondo, repugnante, hediondo. M. do ao odio, eis o que se lia naquelles semblantes que nunca vi sorrir.

Accenderam quatro cirios e os dois sub-feitores collocárão-se nos dois degrãos do altar, onde a imagem de Jesus-Christo apparecia no meio de quatro vasos. Eram os dois negros que dirigião o effeito a seu

modo: decorarão alguns pedacinhos de latim que um capellão, out'ra addido á fazenda, lhes ensinara, e tinham composto outro muito pitoresco que servia de exordio á ladainha dos santos. Depois do Kyrie-eleison começaram a cantar uma vice:—*Sancta Maria, mae de Deus ora pro nobis!*

Seguem-se depois todos os santos do paraizo, aos quaes entenderão dever juntar ainda um *Santo pé de Canna*. *Ora pro nobis!* Emfim, terminou a cantoria por este grito despedaçador que saltarão, prostrando-se todos com o rosto no chão: *Miserere nobis!* Esta exclamação abalou-me até o fundo d'alma, e as lagrimas deslisarão-me silenciosamente pelas faces, enquanto os negros, terminada a reza, desfilavão um a um diante de nós pedindo a benção, ao que cada um dos brancos devia responder: « Eu te abenção. »

Esta oração fazia-se todos os subbados á noite; jamais ouvia sem ficar profundamente commovida.

O aspecto destas misérias e soffrimentos, e aquelle grito de desespero que, parecia-me subir até Deus, tudo isto era de horrivel belleza, mesmo do ponto de vista artistico.

Scenas não menos tristes esperavão no dia seguinte. Tendo sido despertada ás quatro horas da manhã pela grande sineta da varanda, que o feitor tocava para fazer levantar os negros, quiz assistir a este espectáculo e pulei da cama.

O dia despontava apenas no horizonte, um colorido suave e melancolico envolvia a paisagem. Do cume da montanha atrás da fazenda, uma magnifica cascata desenrolava seus lençoes d'agua prateada, e esta montanha era coberta de mattas virgens, onde fructos e flores se entrelaçavão. Do outro lado, na frente da casa de vivenda, estendião-se immensos pastos onde estavam reunidas mais de duzentas cabeças de gado. Os bois dormião ainda.

Alguns negros começavão a sahir das senzalas. Quando um delles tardava em apparecer o velho Ventura fazia estalar o enorme chicote gritando: *O patife! pura para fira!*

Formarão-se então tres pelotões de 25 negros e negras cada um; uma era conduzido por Ventura e

tomou o caminho do matto; o segundo dirigiu-se para as plantações sob as ordens de um dos sub-feitores, e o terceiro levando consigo grandes carroças de immensas rodas, puxadas por 4 bois, vão cortar as canoas que carroças as devião trazer.

Um dos pastorinhos, por sua vez, reünio os bois, entro e seguiu com rebanho dos carneiros, as porteiras se abrirão e todo o gado humano seguiu com o outro para o trabalho.

Éo ficarão quatro vaccas leiteiras para as necessidades de casa, e as seis horas servirão-nos uma tijella de leite como nunca bebi, em razão do perfume particular que lhe dão as goiabas, pitangas, mangas, e especialmente as plantas aromaticas de que as vaccas são muy gulosas e de que se nutrem nos campos. É o que não acontece aos animaes de nosso paiz. Quando alguma vez os deixamos em liberdade nos nossos pastos, quando encontram algumas hervinbas: ao passo que no Brazil é curioso ver uma vacca colher um fructo na arvore, e com os galhos ella faz vargar. Muitas vezes, em nossos passeios a cavallo, encontramos-las nesta occupação, enquanto as aguas e potros em liberdade, corrião no campo uns após outros, com graciosos saltos.

O moleque mais são e robusto da fazenda é, sem contradicção o vaqueiro, porque não se esquece jamais de si e ordenha as vaccas por conta propria, longe das vistas do feitor.

Effectivamente, aconteceu por vezes que, havendo quatro vaccas, o leite mal chegasse para as necessidades de casa, por se terem os negros aproveitado delle um pouco mais do que de costume, em razão do que era o vaqueiro castigado. Entretanto, quando se vê o alimento ministrado a estas potres infelizes, ha pena de censura-las por procurarem suppri-lo por todos os meios ao seu alcance.

A's nove horas fez-se ouvir de novo a sineta: era para chamar os negros ao almoço: tive curiosidade de assistir á distribuição das rações.

Ha sempre duas cozinheiras em uma fazenda, a dos brancos e a dos pretos, e do mesmo modo ha duas anninhãs. Fui ao compartimento enfumacado que

servia de cozinha dos pretos, e vi alli duas negras tendo diante de si duas grandes caldeiras, um com feijão e o outro com maca (pasta de farinha de mandioca). Vinha cada escravo por sua vez com a sua cabaça na mão: a cozinheira deitava uma colherada de feijão, juntando-lhe um pedacinho de carne assada de mais baixa qualidade, assim como um pouco de farinha de mandioca; a outra distribuia o angu e a velha e facelhaças. Os pobres escravos lá se iam com isso, murmurando balzinho que a carne estava pôdre e que não era suficiente. Os noivos não recusavam tal alimentação. Alguns mais robustos de tres a quatro annos voltavam com a sua ração de feijão que os frageis estomagos mal podiam digerir: por isso que

tinham grandes barrigas, cabeças enormes, pernas e braços delgados, todos os indices emfim do rachitismo. Canava dô vê-los, e eu nunca pude comprehender, porque, mesmo como especulação, os negociantes de carne humana não tratavam mais cuidadosamente a sua mercadoria. Felizmente, asseguro-me que o mesmo não se dava em toda a parte, que em muitas fazendas os escravos são bem tratados. Quero crer que assim seja: quanto a mim digo o que vi.

Quando uma preta está para ter o filho, retém-na na casa de vivenda, onde é tratada por uma velha, que exerce em cada fazenda o officio de parteira. Assisti muitas vezes ao parto dessas desgraçadas. Não se acredite que, habituadas á dureza dos trabalhos, como ellas são, não tenham em taes occasiões mais coragem que nós outras mulheres brancas: de nenhum modo. Chamam constantemente *Nossa Senhora* em seu soccorro, e gritam a todo o instante: « Ah! ah merro! Ah! Jesus! acudi-me! » Perguntei a mim mesma mais de uma vez como era que aquellas creaturas, expostas a todas as intemperies, que apavoravam chiote e soffriam todas as privações, se mostravam tão firmes ante as dores da maternidade.

Eis o que a mim mesma respondi: Quando damos a luz uma criança, o que nos sustem em nossas dores, é a idea do pequenino ser que dalli a pouco parteremos contra o coração, ser que amaremos e educaremos: mas as pobres escravas ainda poderão

ir buscar coragem para emerguer o espirito? Ellas sabem que a criancinha que vai nascer, é destinada tambem á escravidão, que lhes será arrebatada pouco depois do nascimento, que ellas a verão soffrer por todos os modos.

Bem indifferente lhes é que viva ou morra; não anhelão a sua vida, e muitas, ao contrario, desejão-lha a morte. Eis o que produz a escravidão.

Bemdito aquelle que a fez cessar!

A negra parturiente dá-lhe um cablo da gallinha e arroz durante uma semana; no fim de tres dias entra a fazer o serviço de casa, amamentando entretanto o filho, e apoz tres semanas volve aos duros trabalhos da lavoura, enquanto o pequenino fica entregue a negras velhas ou a meninos de seis a sete annos, que lhes dão a comer um mingão feito de polvilho e agua. Todos estes moleques e negrinhas vivão troche-moche na cozinha ou no patao inteiramente nus; dormião aos sete ou oito em cada quarto, em esteiras, quartos cujo ar não se renova senão por uma porta deitando para um corredor sujo, e abi vivião em uma podridão de que não se pôde fazer idéa. As emanções destes quartos erão nauseabundas: entretanto eu ia todos os dias ver os pobres pequeninos, aos quacs algumas vezes levava a passear. Quando estas crianças começam a andar, e no pateo, com os pés na lama, a cabeça no sol ardente, ancorados ás vezes em enormes charcos d'agua. Se gritão muito e impedem as mães de trabalhar, não é raro ver estas creaturas deprevadas ensinarem o vicio a seus filhos para fazê los socegar e dormir. Que hediondo espectáculo o desta miseria physica e moral! O coração revolta-se diante destes quadros.

Quasi sempre as pretas de casa são esc lhidas d'entre as mais bonitas, e são essas que dão nascimento a mulatos: que orgulho têm ellas então! O mulato é servido antes dos outros, mais acariciado e mais bem vestido que os outros. Onvi algumas vezes as mães dizerem á cozinheira: « Meu mulato não pode comer isto », recusando a ração dos negros, pois de or...

pois de ora. Mas sempre na qualidade de copeiros
ou de criados graves. Mas de quem muitas vezes
são irmãos. Ainda que as negras se cu-
lhes darem nascimento, são geralmente despre-
pelos seus parceiros da nação (como se chamão os
que não nascerão no Brasil nem na escravidão) por
terem tido commercio com um branco.

Um dia que eu passeava um pouco por longe nas
plantações, chegou-se a mim uma negra moça para
pedir-me que intercedesse junto ao senhor a fim de
lhe ser tirada a corrente que trazia. Assim fallando
levantei um pouco a saia de algodão grosso e mos-
trou-me um anel que lhe cingia o tornozelo, ao qual
prendia-se uma pezada corrente que ia terminar em

(4) Um oratorio, é provavelmente o que a autora
pretende dizer.

roda da cintura. Eis a conversação que tive com ella. Escrevia-a logo, textualmente :

— Deveso solicitar o teu perdão ; mas que falta commettiste para seres assim castigada ; fizeste algum facto ?

— Não, senhora ; fugi.

— E por que fugiste ?

— Porque o escravo dava sempre fugir á escravidão.

— Se te tirarem a corrente tornarás a fugir ?

— Não ; vejo que o branco é sempre mais forte do que nós ; tornaria a ser apanhada e martyrisada. Esta corrente despedaça-me o corpo.

— Promettes então que se eu obtiver o teu perdão não tornarás a fugir ?

— Prometto, disse a pobre Africana com voz surda.

— Que idade tens ?

— Não sei.

— Como ! mais ou menos não sabes a tua idade ?

— Não.

— Ille muito que te trouxeram para o Brazil ?

— As canoas já foram cortadas cinco vezes depois disso.

— Lembra-te da tua terra ?

— Sempre ! responde ella com uma inflexão selvagem e apaixonada.

— Na tua terra natal não trabalhavas ?

— Não. Depois que preparava o arroz para comer, dançava e cantava todo dia.

— Lembra-te das danças da tua terra ?

— Se me lembro ! Todas as noites, depois que os feitores dormem, levantamos-nos e dançamos até amanhecer o dia.

— E se te comprassem para te alforriar, voltarias para a Africa ?

— Sim, se eu pudesse acertar com o caminho, por que ha muito mar que atravessar para poder chegar lá.

— Espera, filha de Deus ; ainda terás melhores dias.

Voltei neste dia muito triste, mas nenhuma diffi-

culdade tive em obter o perdão da joven preta, porque o Brasileiro nunca nega essa graça a um seu escravo, mórmente quando é uma mulher que a pede e essa mulher é *madrinha* de um de seus filhos, sendo, como é no Brazil, o titulo de compadre e comadre quasi um laço de parentesco. Tanto assim que partindo para França, para alli me demorar um anno, o Sr. P... que nos acompanhava ao hote-fóra, perguntou-me o que podia fazer para servir a sua *comadre* :

— Não dar mais pancadas nos seus escravos, respondi eu.

Prometteu-me, e durante um anno cumprio religiosamente a promessa. Quando voltei, porém, rogou-me instantemente que não lhe pedisse mais semelhante coisa, porque os escravos ficariam para sempre perdidos.

(Continua.)

VARIEDADES

Viagem de uma Parizienne ao Brazil

ESTUDO E CRITICA DOS COSTUMES BRAZILEIROS, POR MME. TOUSSAINT-SIMON, TRADUÇÃO ANNOTADA POR A. ESTEVÃO DA COSTA E CUNHA.

(Continuação)

Dentre todas as minhas excursões a cavallo pelo interior do paiz, uma ficou-me para sempre gravada na memoria. Nosso amigo, o fazendeiro P., quiz um dia levar-nos a ver uma fabrica de fiação, que um Americano do norte acabava de estabelecer em Santo Aleixo, distante da fazenda duss leguas apenas. Para os Brasileiros era isso então uma novidade: uma fabrica industrial na terra. Quanto a mim, pouco me interessava a fabrica, o que me encantava era o passeio através das florestas.

Puzemo nos a caminho ás oito horas da manhã, montando em um cavallo a que chamavão—o cavallo da senhora, e que não tinha a principio senão um pequeno defeito, o de querer desembaraçar-se daquelle que o montava, quando na anca sentia longa saia de mulher, de maneira que, ao passar por algum despeñadeiro fazia um pequeno movimento lateral, que tinha por unico fim atirar fóra a amazona, se esta não soubesse firmar-se bem na sela. Como eu lhe conhecia a innocente mania, tinha o costume de segurar bem as redessas nestas occasiões delicadas, pelo que foi elle perdendo a idéa galhofeira, acabando nós por sermos os melhores amigos do mundo.

Meu marido montava um cavallo grande, chamado — o cavallo da cidade: por que? não sei. Este era muito trotão, tanto que não o fazião servir nunca a montaria de mulher. Quanto ao fazendeiro, esse servia-se de uma mula escura, sobre a qual parecia tão a seu gosto como se estivesse sentado em uma poltrona. Tendo na mão direita um enorme guarda sol para abrigar-se, mal segurava as redessas com a es-

querda. Em fim, meu filho cavalgava um pequirá de que lhe haviam feito presente, firme na sella como qualquer de nós e supportando seis horas de cavallo sem queixar-se.

Atravessámos a principio uma floresta, onde myriadas de passaros voavam á nossa aproximação, e os macacos fazião ouvir guinchos estridentes. Era um encanto este canichão!

O Sr. P... gritou-me de repente:

— Pare! uma cobra atravessa a estrada ábiadiante.

Vimos effectivamente uma cobrinha de reflexos avermelhados, que aquecia-se ao sol, e fugio ao tropel dos cavallos.

— Não parece muito perigosa a tal cobrinha, disse eu a meu hospede.

— É a cobra coral, uma das mais venenosas.

Continuámos a jornada, e chegámos a um arroio.

— Atravessemos, disse o fazendeiro.

— Como? perguntei; não vejo ponte.

— Passemos a cavallo. Arregace a saia, levante a perna esquerda sobre a sella, á maneira dos alfaiates, segure bem as redilhas, não tenha medo e siga a minha mula que sabe o canichão.

Foi assim, com effeito. Os cavallos entráram n'agua até á barriga, depois até ao peito, e por fim, não tumbáram mais pé e nadáram alguns minutos com os seus cavalleiros ás costas.

Ea não estava muito accegada. Para vencerem a corrente, que em certo ponto era muito rapida, os animaes ião de lado, e parecia-me que a margem opposta fugia, em vez de se aproximar de nós. Isto durou seis minutos, quando muito, mas guardei grata e indelével lembrança d'este quadro.

O ribeiro, cercado de plantas e arvores de toda a especie, com a sua agua limpida e corrente, o céu de tão bello azul, e o sol ardente sobre as novas cabeças; no meio de tudo isso, a nossa pequena caravana passando o rio a cavallo... revejo tudo ainda, e considerando-me feliz por ter passado por essas pequenas emoções e contemplado tão esplendidas paisagens.

Tendo-nos convidado o Sr. P. ., a meu marido e a mim, para sermos padrinho e madrinha de seu ultimo filho, isto deu occasião, depois do baptizado, que foi feito por um capelão da circumvizinhança, a uma festa estranha, que procurarei descrever.

Desejamos que os pobres escravos tomassem parte nas alegrias desse dia, e seu senhor permitte-nos que

lhes comprassem os um barrilote de cachapa, autorizando-os ainda, por pedido meu, a dançarem à tarde no terreiro.

Fra um dia de allivio para tantas penas. Imagine-se como não nos agradecerão elles contentes!

O feitor fez a distribuição da cachapa, não dando a cada um senão um copinho de cada vez, e começou o batuque (danza de negros, acompanhada de palmas).

No terreiro estavam acesas grandes fogueiras. Um negro alto, outrora rei na sua terra, appareceu logo munido de comprida vara, signal apparente de commando. Trazia a canga ornada de penons de todas as cores e guisos atados às pernas. Inclinarão-se todos respeitadamente diante d'elle, que passeiava magestosamente com aquella fatiota.

Proximo ao rei estavam os dous musicos que devião dirigir o batuque: um tinha na mão uma enorme cabaça contendo outras cinco ou seis de menor grandeza, sobre as quaes estava uma tabeinha fina. Com o auxilio de pequenas vaquetas, que elle manobrava com extrema destreza, o preto obibia delli uns surdos, cuja monotonia parecia mais propria para provocar o somno do que para outa qualquer coisa. O segundo musico, accorrido aos pés do outro, tinha diante de si um pedaço de tronco de arvore concavo, com uma pelle de carneiro secca estendida por cima. Batia de vez em quando sobre este tambor primitivo para reforçar a cantoria. Tres ou quatro grupos das bailarinas vieiras collocar-se no meio do circulo formado por seus compenheiros; as cegas marchando em cadencia, abanando-se com leques e entregando-se a movimentos extravagantes, enquanto seus cavalheiros gyravam em torno d'ellas, pulando sobre um só pé com as mais grotescas contorções, e o velho musico correndo de um para outro grupo, gritando, cantando e agitando pbrenetivamente as vaquetas, parecia, por suas palavras, querer excitar as outras à danza e ao amor, ao passo que os demais assistentes acompanhavão o batuque batendo as mãos para accompilhar o compasso: e o rei passeava sempre graciosamente, agitando os guisos.

Os negros desfizião-se em suor, e o musico não

castava, entretanto, de correr para um e outro lado, animando sempre aos parceiros. A dança tinha chegado a um gráo de superexcitação inaudita, quando ouviu-se grito repentinamente da casa de vivenda : « Feltor ! apaga essas fogueiras e manda os negros dormir ; não quero mais esse barulho ! »

Houve algum murmúrio entre os pobres escravos ; mas o feltor, munido do respectivo chicote e acompanhado dos seus acolytos, fez logo entrar tudo na ordem.

Não sabendo eu a que attribuir esta subita interrupção da festa, entrei á pressa em casa e achei o fazendeiro muito pallido, emburricado e fechado em seu quarto. Pareceu-me muito assustado, e perguntei-lhe a razão disso. Informou-me então que, emquanto seus camaradas dancavão, um dos pretos tinha entrado em casa, encandecido pela bebida, vociferando ameaças contra seu senhor. Elle mandára-o logo prender ; mas, receioso de que os outros negros, exaltados pela cachaça e pela sua dança nacional, não fizessem outrotanto, com risco de vida para elle, fizera immediatamente cessar a brincadeira.

Brancos na fazenda, eramos quatro : o Sr. P., meu marido, eu e uma mulher (despenseira) que occupava o meio termo entre o lugar de dona de casa e o de criada. Que poderíamos fazer contra cento e vinte negros revoltados ? Eu, então moça e inexperiente, com a consciência de não ter feito senão bem áquelles desgraçados, não pude deixar de sir da da cara assustada do fazendeiro. Mais tarde, reflectindo, reconheci que elle tinha razão.

Essas danças da terra natal exaltão tanto aos pobres escravos, que forão obrigados os Brasileiros a prohibi-las nas cidades. Não obstante, ellas se reproduzem. Com risco de apanharem muita pancada, os negros juntão-se á noite, á hora em que os brancos dormem, para dançar na praça ao luar. Reunem-se por grupos da mesma nação, Congo, Moçambique, Minas ; cantão e dancão enião contentes, esquecidos um momento de seus infortúnios e captiveiro, só se lembrando da terra natal e do tempo em que são livres.

Aconteceu algumas vezes que, tendo eu necessidade

À noite dos serviços do minha mucama, inutilmente a procurava por toda a casa. Tinha ido juntar-se a seus irmãos na dança.

As portas, entretanto, estavam cuidadosamente fechadas. Pouco lhe importava isso: pulava pela janella.

Um dos typos mais estranhos, da fazenda, é certamente o *feiticeiro*. Eis como travei conhecimento com elle.

Eu estava uma manhã sentada na varanda, engolphada no vago pensamento que os vastos horizontes despertão, quando vi chegar um dos carros de bois, que de ordinario só voltavão ao declinar do dia. Admirei-me tanto mais, que elle voltava vazio, só tendo por carga dois negros, dos quaes um era o feitor :

— Oh Ventura ! gritou logo o fazendeiro, por que voltas com o Luiz ?

— Senhor, Luiz foi mordido por uma cobra, e vomita sangue.

— Preveniste o *feiticeiro* ?

— Sim, senhor, elleahi vem.

Effectivamente, vimos chegar dahi a pouco um negro alto, de cabelleira toda branca, que tinha, dizião, mais de noventa annos e entretanto mantinha-se ainda no andar firme e erbelto. Trazia uma especie de manto (poncho) riscado, na a especie de alforge ao lado e um pão na mão.

O resto tinha um ar serio e pensativo.

Foi direito à enfermaria onde haviam deitado o negro doente, fechou-se com elle, deu-lhe a beber uma infusão de herbas de que possuia o segredo, e affirmou que curaria o negro, com a condição de que nenhuma mulher entraria no quarto durante sete dias: sem isto não responderia pela cura, disse elle. Houve cuidado de não mandar levar a comida ao doente senão por homens, seguirão-se á letra as prescripções do feitiçeiro e o negro ficou perfeitamente curado.

Quz então conversar com o velho feitiçeiro ; e, depois de lhe ter dado alguns cobres para seu café e assucar, perguntei-lhe quaes erão as plantas que tinha empregado para curar a mordedura da jararaca, uma das mais reconhecidas obras do Brazil.

— E' segredo meu. Jisse elle.

— Por que o não dás a conhecer aos outros?

— Trato delles quando estão doentes, e quanto basta.

— E quando morreres?

— Peior para elles: se fossem bons para mim, eu lhes daria muitos segredos que sei, mas elles fogem de mim, e ensinão aos filhos a fazer o mesmo. Levarei meus segredos comigo.

Disse tudo quanto pule alcançar

Foi ainda chamado outra vez para curar um boi que tinha uma *bicharia*. (1) O feitiçeiro approximou-se do animal que estava deitado, applicou-lhe tambem sem duvida alguma planta socada sobre a parte enferma, e o sacco dos vermes cahio quasi instantaneamente, ficando o boi curado. Então não houve negro na fazenda que não affirmasse que o feitiçeiro não precisava mais do que recitar certas palavras magicas e logo a cura se effectuava.

O velho negro tinha razão; em recompensa da sua sciencia só obtinha ingratitude e desamparo; fugião tolos d'elle e os moleques, ao chegando-se uns aos outros quando elle passava dizião baixinho: "Toma sentido! o feitiçeiro!"

Quanto a mim era sempre com prazer que conversava com elle e arrependo-me de não ter escripto as nossas conversações originaes, tão singellas e instructivas ao mesmo tempo; aquelle velho, que assistira ao reinado de D. João VI, conhecia muita coisa, ainda que não soubesse ler nem escrever. Estudou no grande livro da natureza. Que será feito d'elle? Morrerá sem duvida, sóinho, em um canto do matto, levando consigo a sua sciencia recolhida com tanto trabalho em noventa annos de existencia.

A proposito de obras, recorde-me tambem de uma occurrencia que espalhou-se no Rio de Janeiro por aquella época.

Um dos mais ricos corretores contou um dia na praça do commercio o que lhe acabava de acontecer.

Havia a'gum tempo que a sua filhinha, de tres annos, que dormia ao lado dos pais, despertava á

noite gritando, e quando lhe perguntavão o que

(1) Dizem na terra *bicheira*, mas esta palavra não se acha n'os dicionarios. (Da autora.)

por um perrecho, mas a criança insistia, dizendo de vez em quando: « *O bicho é frio, frio!* » Acabou o pai por inquietar-se com esta insistencia, e uma noite, munido de pistolas, poz-se á espera sem luz, junto da criança. Cerca de meia noite, a criança agitou-se, e o homem vio uma cobra, das da peor especie, enroscada junto da menina. Era preciso não espantal-a para não morder a criança, e assim o pai, usando da maior cautela, retirou-a rapidamente da cama e matou a cobra. D'ahi em diante a pequenina retomou as cores naturaes e não disse mais: *O bicho é frio!*

Quando, quatro annos depois, tornei á fazenda de S. José, o nosso amigo P... não nos acompanhava, e fizemo-nos a caminho com os nossos dois filhos, Paulo e Mauricio, dos quaes um tinha já 12 annos, e o outro contava apenas 16 mezes, e ainda mamava. Levavamo-lo sobre o selim, com meu marido, era eu, porém as mais das vezes era o meu mulato Fernando, (um typo dos mais regulares, que tacava viola e perfumava-se com agua da Colonia da cabeça aos pés quando era chamado para o meu serviço) que o carregava ao collo seguindo-a pé. Em razão disto, a nossa caminhada foi muito lenta; e quando o dia começou a declinar, o pagem nos declarou que ainda estavamos a tres horas de marcha, pelo menos, distantes da fazenda, e que para alli chegar, era necessario atravessar um lugar pantanoso muito perigoso á noite.

Para si então nas cobras, nas onças, e tomei-me de grande custo por me achar em viagem á noite com os meus dois filhos. Disse a meu marido que me parecia imprudente continuar a jornada em tais circumstancias, e que eu estava resolta a recolher-me a um rancho e passar alli a noite, antes do que expôr meus filhos a tantos perigos. O pagem disse-nos então que afastando-nos um pouco do caminho que levavamos, encontraríamos a meia hora de jornada uma fazenda onde poderíamos passar a noite. Approvamos com satisfação a idea, apressamos as cavalgadas e chegamos á fazenda da Viscondessa de P... G... Era tempo, a escuridão da noite já estava muito cerrada.

Chorou a á porta pedimos para fallar ao feter, que era branco e a quem se dava antes o nome de *administrador*.

Vem este logo, e lós, fazendo-lhe ver o embaraço em que nos achavamos pedimos-lhe hospitalidade por aquella noite. Concedeu-no-la promptamente em nome de seus patrões, que havia alguns annos não vinhão á fazenda. Apeámos-nos agradecendo-lhe de todo o coração, e elle deu logo ordens para que preparassem para nós o quarto de honra, onde tive o prazer de ver, d'alli a pouco, os meus filhos adormecidos cada um em um leito, em vez de expostos, no natto, a toda a sorte de perigos.

O Sr. administrador que tinha uma tintura de letras, encan'to-lo por ter hospedes que lhe trazião noticias da côrte, veio conversar connosco enquanto conhiámos algumas providas que trouxeramos para a viagem; só nos deixou ás onze horas.

As portas do nosso quarto davão para uma varanda que cercava toda a casa, e tinhão ficado abertas. Fiquei muito admirada, voltando me, de ver a dita varanda invadida por vistosas mulatas que passavão e repassavão pela nossa frente. Parecião desafiar-me a rivalisar com ellas, e eu lia claramente em seus semblantes insolentes:

• Pouco importa que sejas uma branca e uma senhora •

Conversavão e rião, fazendo esforços para chamar a attenção do senhor francez.

Esta scena estranha ficou para sempre gravada em meu espirito. A desenvoltura destas creaturas incommodou-me.

No dia seguinte tive a explicação do facto. Na occasião fechei-lhes as portas e janelas na cara e deitei-me.

Eu tinha pedido á negra que viera servir-nos no quarto que visse se me podia obter uma lamparina. Era cousa inteiramente estranha na fazenda, e o que me trouxerão para substitui-la foi uma especie de bugia resinosa, cuja fumaça nos teria suffocado, se não abrissemos as portas.

Por muito infecta que fosse essa luz, não deixou de

prestar-me um grande serviço, porque, apenas me deitára, cabido de cansada, ouvi uns trotezinhos pelo quarto. « São camondongos, disse commigo, espantando os, elles se irão »; e bati na parede e na cama, esperando assim livrar-me delles. Pois não! logo que descansava a cabeça no travesseiro o ruído redobrava, e avalie-se como não fiquei, quando vi, não camondongos, mas enormes ratazanas (do tamanho de gatinhos mais ou menos) que atravessavam o quarto em bandos de oito ou dez, para aproveitarem os restos da nossa ceia.

Acordei meu marido para lhe contar o que via: « Que queres? respondeu-me meio dormindo, o quarto não é habitado ha muito, e o cheiro do pastelão e do frango, attrahio os ratos de toda a casa. Que queres que faça? Não penses nisto, trata de dormir. »

Dormir, eu! no meio destes bichos! Recusei que subissem ás camas e mordessem meus filhos; de sorte que passei toda a noite sentada na cama, batendo para os espantar de cada vez que os via dirigirem-se para nós.

Eis o meu descanso depois de um dia de grande fadiga.

Só pela madrugada resolverão ir-se embora e deixar-me repensar uma hora apenas, pois ás cinco horas estávamos a pé para evitar o grande calor.

Tinha eu notado na vespera á noite, uma moça branca, ou antes amarella, de grandes olhos circundados de vermelho, com os cabellos mal penteados, saia ordinaria, tendo um menino pela mão e outro ao collo, e desconfiei que fosse a mulher do administrador, o qual, entretanto, vestia fina camisa, e demais a roupa era decente, e tinha alguns conhecimentos em letras e sciencias.

Communiquei a minha supposição a meu marido, que, como todos os maridos do mundo, não fez caso disso, censurando mesmo esta mania que tem as mulheres de verem romances e dramas por toda a parte.

Antes de partir quiz esclarecer o mysterio. Pedi leite, e foi essa mulher, acompanhada de duas meninas, que no-lo veio dar. Resolvi satisfazer então a minha curiosidade, e enquanto os meus filhos comião e o pagem sellava os cavallos; reparando-lhe no

rosto traças de profundo soffrimento :

— A senhora tem um ar muito triste, lhe disse.

— Sou muito infeliz, respondeu ella.

— A senhora não é a mulher do administrador ?

— Por desgraça minha.

— Como ?

— Elle trata-me mal. As mulatas é que são aqui as verdadeiras *senhoras*, por causa dellas meu marido injuria-me constantemente.

— E' horrivel.

— Quando me revolto, bate-me e as mulatas insultão-me.

— Como pôde viver assim com elle ? Deixe-o...

Ella olhou para mim com grande pavor.

— Deixar meu marido ! e de que havia de viver ?

— Trabalhando.

— Não sei ganhar dinheiro; e meus filhos.

— O pai é obrigado a educa-los, mas a senhora não pôde deixa-los mais tempo com semelhante espectáculo diante dos olhos. Uma mãe não deve consentir que a ultragem diante de seus filhos. Para que elles a respeitem, faça-se a senhora respeitar.

A pobre mulher ouvia-me admirada.

— Isto é bom para as senhoras que são francezas e sabem ganhar a vida; mas nós, a quem nada ensinão, somos obrigadas a ser toda a vida escravas dos nossos maridos.

— Pois bem; faça o que entender; mas, quando tiver soffrido bastante e não puder mais supportar, lembre-se da Franceza que passou uma noite na fazenda, procure-a, e ella lhe dará meios de viver pelo trabalho. Eis o meu bilhete de visita.

Dito isto saltei para o selim. A mulher do administrador agradecen-me com o olhar e acompanhou-me até á porta da fazenda, onde demorou-se olhando-me enquanto me pôde alcançar com a vista.

Reconheci que acabava de esclarecer aquella alma e abrir-lhe novos horisontes.

O dia raiava e começava a allumiar a sombria folhagem dos bosques, a natureza despertava envolvida ainda em neva, e o rocio orvalhava a terra.

O Sr. administrador veio fazer-nos as despedidas.

O Sr. administrador veio despedir-me de mim, desejando nos boa viagem. Voltei-lhe as costas involuntariamente: depois do que me constou a seu respeito, o b mem causava-me asco.

Quando chegámos aos limites da fazenda, encontramos as mulatas da vesperta, de olhar altivo e cynico, que querião ver de dia a senhora franceza e seu marido.

Por ultimo adens lançáram-me um olhar de odio, inclinando se todavia quando passei; e eu, respondi-lhes com um leve cumprimento em que deixava ver todo o desprezo e dissabor que ellas me inspiravão.

Então, pondo os animaes a meio galope, dirigimc-nos para a fazenda de S. José, onde chegámos dahi a duas horas.

Tres mezes depois batião á minha porta. Era a Sra. Maria, a mulher do administrador, que vinha, com um filho nos braços, pedir o cumprimento de minha promessa, e eu a admiiti em minha casa para vigiar o trabalho dos criados pretos e occupar-se da roupa de casa.

Dizer que mais tarde ella me pegou com profunda ingratitude, não é dar novidade alguma aos leitores.

— Pouco importa! eu tinha conseguido o meu fim, tinha desenvolvido naquella alma o sentimento da dignidade humana, tinha a ensinado a trabalhar para viver, tinha elevado moralmente e curado physicamente. A Sra. Maria nunca me terá esquecido, estou certa disso.

VARIEDADES

Viagem de uma Parizienne ao Brazil

ESTADO E CRITICA DOS COSTUMES BRAZILEIROS, POR MEX. TOUSSAINT-SIMON, TRADUÇÃO ANNOTADA POR A. ESTEVÃO DA COSTA E CUNHA

PARTE QUARTA

SUMARIO—O nosso consul e o nosso ministro no Rio de Janeiro.—Como erão tratados os Francezes.—Uma encumbrada original.—Um correspondente consuetudinario.—O amor no Brazil.—Uma aposta perdida.—As Brasileiras.—A corte.—Enterros.—Theatros.—Literatura.—Tempestade no mar.—Regresso.

Cumpre confessar que o nosso paiz era singularmente representado no Brazil durante os 12 annos que alli residi.

Tendo eu encontrado muitas vezes na rua um sujeito alto e magro, de grande gravata branca, cobrindo-se com as paredes, sempre mal amanhado no trajar e calçando sapatos de borracha em dias de sol e calor, perguntel quem era aquelle homem, a quem todos parecião pedir perdão da audacia da sua altura, a unica, aliás, que talvez tivesse, e esforçava-se por dissimula-la curvando-se humildemente diante de uns e outros.

Respondêrão-me que era M. T..., nosso consul no Rio, homem honesto dizião, que não dava aos Francezes senão motivos para elogios. Ouvindo isto, procurei repellir a má impressão que me haviam feito as suas maneiras de sacristão, e resolvi modificar o meu primeiro juizo.

Entretanto achava sempre nelle o que quer que fosse de jeanita. Mais tarde tive ensejo de julgar aquella excellente pessoa, que não defendia de modo nenhum os interesses da gente honesta e desempenhava as funções de consul de modo muito original.

Uma das minhas amigas enviuvára, e ficando sem recursos pôz-se a dar lições de francez e desenho para

sustentar dois filhos, que o marido lhe deixára. A pobre senhora, de pé desde a madrugada, tendo apenas cinco horas de repouso, mal ou bem ia assim vivendo. Um dia foi procurar M. T..., pedindo-lhe que a ajudasse a obter o pagamento de duzentos francos, que uma das suas discipulas lhe devia desde muito tempo, e não queria pagar. Referia ella o facto quando o nosso consal, interrompendo-a repentinamente:

— A senhora tem dividas ?

— Não, senhor : graças a um continuo labor e á minha extrema economia, não as tenho, respondeu ella.

— E', portanto, muito mais feliz do que a pessoa de quem falla, replicou o santo homem com voz mansinha.

— Como ! replicou a minha amiga, o senhor entende que sou mais feliz que aquella mulher, a quem nada falta, enquanto eu me privo de tudo : que fica deitada dias inteiros em uma marquezia, enquanto eu mourejo á chuva e ao sol ? !

— Ella tem dividas, a senhora não as tem ; é portanto mais feliz do que ella.

— Assim, é a ella que o senhor lastima, e ache tambem justo que o meu trabalho não me seja pago ?

— Não acho justo, cara senhora : digo apenas que a senhora é menos credora de lastima, porque não tem dividas.

Eis tudo quanto a minha amiga pôde obter : nada mais respondeu o homem aos seus argumentos, não ligando a minima importancia ao negocio.

Em outra occasião tocou-me a minha vez de ir á sua presença, por motivo um tanto identico.

Em um trato com meu marido, um carroceiro fizera uma velhacada, querendo illudir o comprador, e foi isto o que me levou ao consalado.

Quando entrei, M. T. . quasi se prostrou diante de mim, pelo que dei logo os meus nomes e pronomes, pensando que elle me tomava por alguma imperatriz que viajasse incognita.

Quando expuz todo o negocio :

— Que teociona fazer ? perguntou elle.

— Não sei, senhor, pois é isso justamente o que venho perguntar-lhe.

— Pois bem ; o meu parecer é que se abase esse negocio e não se lhe dê seguimento.

— Entretanto, bem vê que fomos enganados ?

— Sem duvida.

— E entende que devemos pagar assim mesmo ?

— Certamente. A senhora e seu marido são de bens e têm a consciencia tranquilla, isto deve bastar-lhes.

— Nem tanto assim...

— Demais, essa quantia não é grande coisa.

— Desculpe-me, senhor ..

— Vamos, vamos, não vale nada, continuou elle sorrindo.

— Felizmente para nós, respondi ; porque se contássemos só com o seu auxilio neste paiz, poderíamos morrer de fome.

Neste ponto despedi-me do excellente homem, que me acompanhou até á porta, continuando a complimentar-me o mais humildemente que lhe foi possível.

Esta extrema condescendencia com os devedores tinha conquistado muitas sympathias ao nosso consul, como se pôde avaliar ; assim como a sua affectação em saber, por um sol ardente, com sapatos de berracha, sob pretexto de dar tudo aos pobres, lhe valera uma grande reputação de santidade. Mas, nas occasiões sollemnes, nos *Te Deum*, por tal ou tal anniversario, quando a nossa marinha vinha á terra com a musica na frente e viamos no meio de todos aquelles brilhantes uniformes e decorações, estandartes, este velho de pescoco comprido, escondendo-se por detrás de alguma columna, não se atrevendo a olhar de frente para ninguém e murmurando palavras confusas, não podiamos deixar de dizer : Realmente, os Francezes têm neste sujeito um singular representante !

Pelo que toca ao nosso ministro M. de St... ainda que muito differente do consul, nem por isso deixava de representar tão estranhamente como M. T... os in-

teresses dos seus compa

Este era baixo, gordo, redondo como uma bola, e teria quarenta annos quando chegou ao Brazil. Deverá ter sido bonito, e passava por ser grande amador de mulheres. Casado havia pouco com uma Brasileira, residia em linda chumbara no Catete, onde dava todas as semanas um sarão. A excepção do almirante, de alguns officiaes de marinha e uma Francesa, casada com um rico negociante portuguez, não recebia Brasileiros, o que não contribuia pouco para desacreditar a sociedade franceza no conceito da gente da terra. Mas, que se importava com isso o nosso ministro, que quasi não tinha de francez senão o nome?

Não se podia dizer que M. de St. alçasse muito o pavilhão francez; mas como o governo do Brazil nunca tivera a velleidade de nos declarar guerra, entendia-se que a attitude de nosso ministro nenhuma importancia tinha.

Graças, sem duvida, á exclusão dos Francezes do salão de seu ministro, os nossos compatriotas erão

rui pouco considerados no Rio de Janeiro por aquella época. Cumpre dizer que a colonia franceza se compo-
punha em grande parte de obreiros, cabelleireiros e
modistas, que havião sahido pobres de sua terra para
tentar fortuna na America, e esta gente não primava
muito pelas maneiras e educação.

Entretanto, havia tambem então no Rio um pe-
queno nucleo de pessoas bem educadas, aristas, jor-
nalistas, commerciantes, que, se se reunissem em casa
do representante de seu paiz terião alli dado aos ha-
bitantes do Rio de Janeiro uma idéa da nação fran-
ceza, melhor do que a que obtinhão na rua do Ou-
vidor, em casa de alfaiates e floristas.

Como as Brasileiras não sahiao nunca sós por
aquella época, não se encontravão na cidade senão
Francezas ou Inglezas, que, só pelo facto de sahirem
sós, vião se expostas a muitas aventuras: « É uma
Madama », dizião sorrindo os Brasileiros; isto signi-
ficava uma Franceza, e subentendido uma *mulher*
equivoque, porque a exportação desta especie de mu-
lheres para o estrangeiro não é ramo dos menos im-
portantes do nosso commercio.

Conheci no Rio de Janeiro um negociante que fizera
uma encomenda deste genero ao seu correspondente
de Paris. Explicara-lhe de que côr queria os cabellos
e os olhos, a idade que ella devia ter e o salario que
ia ganhar; accrescentando mesmo, que no fim de
10 annos de leaes e fiels serviços lhe seria assignada
uma pensão. O correspondente poz-se logo em busca
da mercaderia encomendada; entretanto, o nego-
ciante do Rio esperava em vão havia muitos mezes, e
nada de novo.

Recebidas as informações, soube este que o seu
probo correspondente, não querendo enviar-lhe cousa
que não pudesse atiançar, tomara a moça a si por
um ou dous mezes, fiados os quaes remetters-a para
o seu destino, onde ella foi recebida de braços
abertos e chegou a obter a pensão promettida; o que
prova mais uma vez que em todos os paizes do
mundo a virtude é sempre recompensada!

Esta historia é authentica, affirme-o. Demais, só
escrevo aqui factos verdadeiros. São lembranças que

evoou uma a uma.

Voltando, porém, ao que eu ia dizendo, as Francezas, fossem ou não casadas, não podião saber á rua sem ser assaltadas por cumprimentos, olhadelas e cartinhas amorosas, de um genero tão cavalheiresco como este: «*Madame, eu vou amo: dignaie-vos receber-me esta noite em vossa casa?...*». Não se dá maior sem-ceremonia! Pensavão aquelles senhores que bastava apresentarem-se; e porque as Francezas rião de boa vontade e conversavão tanto com os homens como com as mulheres, entendião que conquista-las era coisa de nenada. Felizmente, mais de um recebeu das nossas compatriotas algumas boas lições.

De uma vez fizeram-se na cidade apostas que tinhão por assumpto uma Franceza, e foi o doutor do esqueleto, de quem já fallei, que, reption por excellencia, apostou pela queda da nossa conterranea.

Desde logo um guapo official, muito impressionado pela moça, começou o tiroteio e fez chegar cartinhas e ramos de flores em casa da moça, por intermedio de negros, a quem peitava: enquanto outro, não menos cavalheiro, acompanhava-a por toda a parte e passava as noites em baixo das janellas della. Trabalho perdido! a dama fechava-lhe portas e janellas na cara e devolvia-lhes os presentes, sem resposta. Os pobres namorados sem ventura ião todos os dias consolar-se com o doutor que lhes dizia:

— Não desanimem, isto é mera questão de tempo.

Passarão por fim dous annos, e, cansados os namorados, intimarão o doutor para lhes pagar a perdida aposta, o que o não impedio de continuar a dizer que não acreditava na virtude de nenhuma mulher em geral, e das Francezas em particular.

Só muito tarde veio a nossa compatriota a saber que tinha sido objecto de uma aposta, e felicitou-se a si mesma douradamente, por ter feito desacorçoar os dous fatuos.

Quanto a mim, confesso, nada me divertia como ver aquelles homens, tão confiados em si mesmos, debicados pelas nossas Francezas, que, como se sabe, em assumpto de galanteria e garridica levão a palma

a todas as nações da terra.

A força de lições d'este genero, as Americanas do sul comprehendêrão, emfim, que mulheres ha que por andarem só, a pé, ganhando a vida a ensinar sob um sol de fogo, não são por isso menos dignas e honestas do que as que mais o forem, e já não dizem com desdém: « É uma *madama* », pois que mais de uma lhez têm ensinado a viver.

Enquanto as Brasileiras, encerradas em casa pelos maridos, só sahão acompanhadas para ir á missa ou ás precissões; mas isto não as torna nem mais nem menos virtuosas do que outras; apenas apparentão se lo mais.

Tudo se fazia mysteriosamente naquellas moradas impetraveis, onde o castigo tornára o escravo mudo como o tumulo; e isto que digo existe ou existiu (pois de alguns annos a esta parte as Brasileiras sahem só).

Demais, guardão-se tão bem certas apparencias, que é necessario viver alli annos para chegar a devassar o fundo destes interiores, de costumes tão patriarchaes á primeira vista, onde muitas gerações vivem justas sob o mesmo tacto, na mais perfeita união; pois, dis-ganno lo facilmente, a este respeito os Brasileiros não são muito superiores. Elles achão o segredo de reunir na mesma casa, sem conflicto, genro, sogra e nora. O odio feroz que existia agora em França contra as sogras é desconhecido no Brazil. Não se crê alli que pelo só facto de casar a filha ou o filho, a mãe que foi toda a vida boa e carinhosa se torne monstro de um dia para outro. Ha tambem o maior respeito para com o pai e a mãe.

Quando o Brasileiro chega á casa encontra uma esposa submissa, a quem trata como criança, trazendo-lhe vestidos, joias, enfeites; mas esta mulher não é associada por elle nem aos seus negocios nem ás suas preoccupações nem aos seus projectos. Boneca, que elle enfeita, na realidade não é senão a primeira serva da casa, embora o Brasileiro do Rio de Janeiro nunca seja brutal e exerça o seu despotismo com doçura e suavidade.

Tudo isto, aliás, como já disse, está a caminho de

roubar inteiramente da face.

As Brasileiras de hoje, educadas em collegios francezes ou ingleses, têm paulatinamente adquirido os novos costumes a maneira da vez, e suave e insensivelmente têm conquistado a sua liberdade. E e mo têm muita viça a intelligencia, em pouco tempo excederão as mostras.

No interior do pais, cujas estradas só são transitaveis para cavalgadas, torcendo-se assim mais difficil as communicações com a capital, é que se podem estudar todos estes costumes, de origem portugueza ou hespanhola. Assim, quem chega a uma fazenda nunca vê a senhora, enquanto esta tem sempre mais de ver o estranho, sem que este desconfie.

Só os mascates têm o privilegio de ser introduzidos ao junto da dona da casa, e a chegada de um é grande acontecimento na fazenda. O mascate abre as caixas e desdobra diuza da senhora e das escravas peças de chita, de cassa, de cambraia, fitas de todas as cores e joias de todos os feitios. As mulatas e as pretas alli estão de olhos arregalados e bocca aberta, desejando comprar tudo, pela unica pataca que possuem, e acabando sempre por fazer aquisição de um simples lenço.

O mascate é muito atagado pelas escravas, mas maltratado pelo dono da casa, que o tem geralmente em conta de ladrão, e toma a precaução de pôr a bom recato a prata de casa quando o vê apparecer. Entretanto, dá-lhe, como a todos, hospitalidade por uma noite no quarto das hospedes, quarto aberto para a varanda da casa de vivenda, sem communicação para os aposentos interiores. A quem vai pedir hospitalidade, este quarto abre-se sempre, e uma preta virá trazer o banho, que todo o Brasileiro toma antes de se deitar, assim como a fregateira no arroz para a coza. Quando os viajantes são da alta classe, o fazendeiro tem mesmo a delicadeza de mandar levar o banho pela meli. e escrava da casa.

O Brasileiro é muito franco. Conheci um com escriptorio de negocios na cidade, onde recebia todos que querião jantar, de modo que o cozinheiro aprimparava comida todos os dias para 20 ou 30 pessoas. No

para comtudo todos os dias. Nosso paiz isto pareceria principesco. No Rio de Janeiro, nem se repara em tal. E' por isso que a mesquinhaaria dos nossos habitos e de nossas usas causa muita admiração aos Americanos do Sul, quando vêm á França.

Uma das opiniões mais geralmente acreditadas ácerca da Brasileira, é que ella é preguiçosa e conserva-se ociosa todo o dia. E' um engano.

A Brasileira não faz nada por si mesma, mas manda fazer; põe o maior empenho em não ser vista nunca em occupação qualquer. Entretanto, quem for admittido á intimidade, acha-la-ba pela manhã de *luncheon*, sem meias, com um penteador de casa por vestido, presidindo á fabricação de doces, cocada arrumando-as nos *tabuleiros* de pretos ou pretas, que os levão a vender pela cidade, qual doces, qual fraldas, qual outro os legumes da horta.

Logo que estas sabem, as senhoras dão tarefa de costuras as mulatas, pois quasi todos os vestidos das crianças, do dono e da dona da casa são cortados e cosidos em casa. Fazem ainda lençoa e guardanapos de ponto de cruz, que mandão tambem vender. Compre que cada um dos escravos, chamados do *quinto*, traga á senhora a quantia designada no fim do dia, e muitos são castigados quando vêm sem ella. E' isto o que constitue o dinheiro para os alfinetes das Brasileiras e lhes permite satisfazer as suas fantasias.

Recebem de França gravuras das modas e esforçam-se por imita-las; a maior parte, porém, manda fazer a roupa pelas grandes modistas francezas, onde o menor vestido de baile custa quinhentos ou seiscentos mil réis.

Como ia dizendo, uma Brasileira se envergonharia de ser apanhada em qualquer occupação, porque profissão todas o maior desdém para quem quer que trabalhe. O orgulho dos Americanos do Sul é extremo. Todos querem mandar, ninguém quer servir. Não se admittie no Brazil outras profissões além de medico, advogado ou negociante de grosso trato.

O Brasileiro e a Brasileira timbrão em não se mostrar admirados de coisa nenhuma. Quando cheguei de França com vestidos da ultima moda, reparei que

as mulheres me olhavam sorratoriamente, para observar, sem deixarem perceber, o feitiço que nenhuma dellas seria capaz de confessar que via pela primeira vez. Se alguém lhes fallasse nisso, responderião com certeza: « He muito que usamos isto aqui ».

Não se póde dizer que as Brasileiras sejam bonitas, ainda que em geral tenham lindos olhos e magnifico cabello. Ha certamente entre ellas moças lindas e bonitas, mas pela maior parte são ou muito magras ou muito gordas, faltando-lhes, sobretudo, certa graça. Geralmente não se vestem bem e ignorão as negligés e mil ninharias que tornão a Parizienne tão seductora. A expressão do rosto é altiva e desdenhosa. Crêm que se dão deste modo um ar de importancia, ignorando que, pelo contrario, as verdadeiras senhoras do tom são simples, lhasas e extremamente polidas.

Dinheiro, eis a unica superioridade que alli se reconhece: é assim que o mais eminente artista é muito pouco considerado no Rio, se não tiver vintem. É curioso ver o modo por que a gente da terra diz, referindo-se a quem não é rico: « *Citadinho delle!* ».

Este *contado* não se póde traduzir para o francez: quer dizer: pobre desgraçado! mas é repleto de uma tal compaixão, envolvida em desprezo, que não podemos dizê-lo em nossa lingua.

Ninguém é julgado no Brazil senão pelo trajar, pelo numero de escravos, etc.; mas póde-se ser velho, sem que isto incommode a ninguém. Dizem geralmente de alguém que fez fortuna por meios illicitos: *soube arranjar-se*; ou então: *Entende de neguim*.

A legitima prohibição é moeda que tem tão pouco curso, que vê-la causa admiração, e as pessoas que a antepõem a tudo são tidas em conta de parvas ou loucas.

Entretanto este povo fez o que os Francezes não erão capazes de fazer. Creou o menino que D. Pedro I, depois de proclamada a constituição, lhe confiou para fazer delle um dia seu soberano, e deste menino fez o povo um homem de bem, um sabio, um imperador liberal.

D. Pedro II dá aos seus subditos o exemplo do bem; e quando se pensa em que ambiente de corrupção foi educado, deve se-lhe contar o merecimento em dobro. O serio de seus estudos e occupações não é tambem coisa commum no Brazil, onde muitos homens, sob uma gravidade apparente, escondem geralmente grande basofia.

O Imperador falla sete linguas: portuguez, latim, hespanhol, italiano, francez, inglez allemão, e por ultimo aprendeu o hebraico. A sciencia a que dá preferencia, dizem, é a astronomia, e esta quiz elle mesmo ensina-lha ás suas duas filhas. Quando veio á França pela primeira vez, deixou de si bonras lembranças como sabio, e na segunda viagem deu-se inteiramente a conhecer. Tambem só elle, que aboliu a escravidão e dotou a sua patria com todas as progressos e liberdades, não hesitaria em achar-se no meio dos nossos estudantes republicanos; tanto a consciencia lhe dizia que nada tinha para temer delles, pois é mais liberal que ninguém.

No Theatro Francez vi-o no appoyar com enthusiasmo os bellos rasgos que sobre a patria e a liberdade encerra *Jeun d'Acier*.

Novo Pedro-Grande, o Imperador do Brazil tem percorrido todos os paizes, tomando de cada um o que julga ser util á sua patria. Assim, de vinte annos a esta parte, o Brazil caminha a passos de gigante; presentemente é cortado por estradas de ferro; tem escolas de toda especie; pintores e musicos começam a distinguir-se; a imprensa é livre, a constituição respeitada, e os Brasileiros dão o exemplo de uma liberdade sem anarchia, alliada a um profundo amor pelo seu imperador.

E' para admirar que em uma terra, onde um simples negociante se considera um potentado seja o Imperador mais accessivel do que qualquer dos seus subditos.

Não ha necessidade de pedir audiencia para ser admittido á sua presença; todas as quintas-feiras elle attende no seu palacio de S. Christovão ás pessoas que desejão fallar-lhe.

Espera-se em uma comprida galeria, por onde o

Imperador passa a hora certa, e alli explica-lhe cada qual o motivo que lá o levou. Elle comprehende rapidamente o que se lhe expõe, tem prodigiosa memoria, e responde, mui brevemente, na lingua daquelle que lhe dirige a palavra. Por muito pobre que seja qualquer, é recebido no palacio.

Devem todos beijar a mão ao Imperador, ao chegar e ao despedir-se; pois, embora digão o contrario, o beija-mão existe ainda no Brazil. E' a unica *etiqueta*. Quanto a mim lastimei muitas vezes ver D. Pedro dar a sua mão aristocratica a gente desasociada; tanto mais que, e é isso curioso, o uso manda que para beijar a mão ao Imperador se tirem as luvas.

Para se fazer idea da fidelidade com que se entra no paço, eis uma historia autentica, que me foi referida por uma dama da corte.

Um dia, que as princezas estavam na sala de estudo com a Condessa de Barral, sua aia, e Mlle. Templier, sua professora, um criado veio annunciar o archiduque d'Austria, o mallogrado imperador Maximiliano. O principe desculpou-se de chegar assim, sem ter solicitado previamente o favor de ser recebido por Sua Alteza, e entrou sorrindo que descendo da carruagem, entrou no palacio sem encontrar guarda algum. Subiu a escada que viu diante de si, muito admirado de não ver ninguem, até que enfim appareceu um laiaio, ao qual pediu para fallar ao Imperador. Responderam o criado que o Imperador e a Imperatriz achavão-se fora, em uma excursão de dois dias, mas que as princezas estavam, e elle ia preveni-las.

— Por quem é, então, guardado o Imperador? perguntou o archiduque.

— Pelo amor do seu povo, senhor, respondeu a Condessa de Barral.

Eis-ahi certamente uma coisa que faz honra ao povo e ao soberano.

(Continúa.)

VARIÉDADES

Viagem de uma Parizienae ao Brazil

ESTUDO E CRITICA DOS COSTUMES BRAZILEIROS, POR MME. TOUSSAINT-SIMON, TRADIÇÃO ANNOTADA POR A. ESTEVÃO DA COSTA E CUNHA.

PARTE QUARTA

(Conclusão)

Tive a honra de ser admittida a alguns sarões intimos das princezas, que tinham-me mandado pedir para accomodar uma peça de Racine, *les Plaideurs*, afim de que pudessem representa-la, e devo dizer que vi sempre a maior simplicidade na corte, onde o Imperador e a Imperatriz bem se pôde dizer que dão o exemplo de todas as virtudes. Posso affirmar-lo agora, sem receio de ser acrimada de lisongeira, pois os meus compatriotas já poderão julgar por si mesmos do Imperador, e sabem que não exagero.

A vida da Imperatriz passa-se concentrada no seio da familia e da caridade, e os imperantes ainda não fazem todo o bem que desejão, pois a dotação que lhes votão as camaras não é demasiada. Privão-se, pois, para dar. 1)

Uma das mais distinctas pessoas da corte é sem duvida a Condessa de Barral, Brazileira educada em França e ligada pelo casamento a um dos maiores nomes francezes. A educação das Princezas foi dirigida por ella. A professora M^{lle}. Templier é uma franceza que foi recommendada á corte do Brazil pela rainha D. Amelia.

Graças á sua aia, fidalga por excellencia, e á sua professora, pessoa inteiramente digna e muito instruida, as duas princezas receberão a mais esmerada educação, e tornarão-se encantadoras senhoras.

Uma dellas, a que casou com o Duque de Saxe, morren infelizmente ha alguns annos.

A Princesa Imperial, que deve succeder ao Imperador e que é esposa do Conde d'Eu, é a unica que existe. Os meninos, filhos do Imperador e da Imperatriz, fallecerão em tenra idade; mas a Princesa Imperial já deu nascimento a dois filhos, que constituem a esperanza do Brazil.

Tornando as Brasileiras, quando ellas perdem os maridos, encerrão-se oito dias em um quarto fechado. Ah! naquella escuridão, recebem as visitas dos parentes e amigos de casa. As viúvas não tirão mais o luto, salvo se tornão a casar; só no fim de alguns annos começam a usar luto alliviado; e, assim, vestem-se sempre de preto, róxo ou azul escuro, que se considerão na terra como cores de luto. E' de estylo no Rio de Janeiro expôr o finado com suas melhores vestes na sala de visitas, onde cada um vem dizer-lhe o derradeiro adeos.

O enterro de um meuzo não evoca nenhuma idéa lugubre. Convencidos de que são anjos que vão para o céu, as Brasileiras, depois de terem exposto a criança vestida de branco e coroada de flores, mettem-na em um esquifeinho cor de rosa ou encarnado. Este esquife é posto de travez sobre as portinholas de uma *sege* (especie de *coupe* puxado por dois cavallos) pintada de encarnado. De cada lado do vehiculo quatro ou seis homeos a cavallo, com libré encarnadas e empunhando tochas acesas, acompanhão o corpo até ao cemiterio.

Não é costume os pais acompanharem o enterro. Na saída as Brasileiras atirão flores sobre o anginho. E' entonecer.

O que me pareceu muito singular, quando cheguei, foi ouvir os soldados, de volta de um enterro de official ou camarada, tocarem contraltos e p-lkas. Esta maneira jovial de levar a enterrar alguém, pareceu-me de muita originalidade. Perguntando a razão, disserão-me que era para não entristecer os soldados e soerguer-lhes o espirito.

Coisa lugubre é ver o Viatiko passar na rua. O padre leva o SS. Sacramento e é seguido de dois meninos do côro, dos quaes um faz reticir uma sineta de minuto em minuto. A' medida que passa o pres-

rito, vai o povo prostrando-se reverente, e a maior parte, n'ormemente os moleques, acompanham-n'o, cantando psalms.

Toda esta gente, soltando gritos lugubres, segue o padre até á porta do moribundo a quem o terror deve sem duvida fazer succumbir mais depressa.

Ignora-se no Brazil a arte do galanteio. Quando as mulheres são moças, fazem-lhes exaggerados elogios, não duvidando mesmo chama-las *deusas*, *divindades*, *archanjos*, etc. Não o sendo mais, dizem-lhes coisas differentes. Ora, para os Brasileiros a mulher que passou de 30 annos é velha; nem recção então dizer della: « *Está acabada!* »

Como se vê, não pôde haver maior amabilidade!

Dahi em diante a mulher não cuida mais de si. Enrola os cabellos com negligencia, não apparece mais nas sociedades e passa dias inteiros vestida apenas com penteador fluctuante sem collete.

Quando fallão da mãe ou do pai de familia, os filhos ou mesmo os escravos designão-n'os por: o velho, a velha; entretanto o respeito dado aos pais é extremado. Os filhos beijão-lhes a mão pela manhã e á noite, e nunca tomão liberdades em sua presença. Todas estas cousas formão um mixto curioso que causa estranheza ao Europeo.

Embora o povo brasileiro seja muito intelligente, ignora ainda (ou pelo menos ignorava ha dez annos) o que é a conversação; lia pouco. As questões philosophicas não o interessavão, nem elle suscitava discussão sobre questões religiosas. E' catholico sem exame, vai á missa regularmente, acende velas a todos os santos do paraizo e crê em todos os milagres possiveis e provaveis; entretanto o seu clero não prima muito pela pudicicia.

Pescando-se na bahia um peixe de alto preço, sabe-se de antemão que será comprado pelo convento de S. Bento, pois os dignos beneditinos são afamados como grandes amadores das boas petisqueiras.

Ainda outras cousas se dizem baixinho, sem que o povo deixe de consagrar por isso o maior acatamento a todos que trajam sotaina. Os padres fazem o que querem e têm grande influencia no seio das familias.

Com excepção da musica as artes não são cultivadas no Rio de Janeiro quando lá estivemos. Junta-se a isto um clima calido, onde a gente é obrigada a abanar-se e enxugar constantemente o suor, e comprehender-se-ha por que se conversa pouco no Brazil.

Eu que sabira do ambiente artistico de Paris, habituada a ouvir discutir todas as questões sociaes em casa de meu pai, estranhei muito, quando cheguei ao Rio, esta absoluta falta de conversação.

Tendo ido fazer uma vizita a uma familia brasileira, o dono da casa começou naturalmente por perguntar-me: « *Como está?* » Depois desta formula do uso, esperámos outra coisa; nada veio e ficámos em silencio até que o homem tornou: « *Então a senhora passou bem?* »

— Muito bem, respondi eu pela segunda vez. E procurei fallar de theatro, da cantora que estava na moda. Depois de duas curtas respostas sobre o assumpto, cessou outra vez a conversação, que foi substituida por um silencio de alguns minutos; e o dono da casa para interrompê-lo entendeu que devia dirigir-me pela terceira vez a pergunta: « *Ora tem passado bem?* ». Desta vez não pude conter-me e para rir á vontade fomos obrigados, meu marido e eu, a despedir-nos.

Mais tarde vimos, em differentes occasiões, que este — *Como passou?* é o modo usado na terra para reatar a conversação, que, de ordinario, arrasta-se tão fastidiosamente que abreviã-se as visitas.

O Sr. fazendeiro, de quem já fallei, quando estava na cidade vinha ver-nos tres ou quatro vezes por semana. Entrava com modo serio, perguntava-nos pela saude, sentava-se defronte de mim e não dizia mais palavra. Como eu era madrinha de um de seus filhos, tratava a principio de animar a conversação, mas afinal cansei. Entrava, pois, sentava-se, ficava assim uma hora, ás vezes duas, sem soltar uma palavra, depois levantava-se de repente e sahia como numa lumba.

Se se não falla, em compensação dança-se a valer no Brazil, o que é para admirar sendo tão grande o calor.

E' de estylo que o cavalheiro, depois da contra-

dansa, porem de braço com o par e leve a dama até á copa: feito o que, reconduz a senhora ao seu lugar e agradece-lhe. Para gente ciosa este costume não é

(1) Affirmão-me que, tendo querido as camaras augmentar a dotação imperial, D. Pedro desistio, declarando que não tinha necessidade de mais. Semelhante desinteresse é raro nas monarchias

(Da auctora)

agradavel, pois em taes occasiões é que se arriscão as declarações; outro costume não menos extraordinario, é beber o cavalheiro pelo copo de que se serviu a dama.

A correspondencia secreta dos amantes faz-se frequentemente pelo *Jornal do Commercio* (presentemente pôde-se ter uma idéa disso pela correspondencia do *Figaro*). Apparecem phrases como estas: « Esperei-te hontem e não vieste! — Aquelle que morre de amores por ti, implora-te uma resposta para a sua carta. » — « O' virgem! vi o céu em teus olhos! » — « Não passes mais pela nossa porta, pois somos espiados... etc. » É divertido acompanhar esta correspondencia. Vê-se ás vezes começar um drama e desenvolver-se; depois ha enganos: toma-se uma carta por outra e a acção complica-se.

Pelo que respeita ao exercito, ignoro o modo de recrutamento empregado para o formar; mas, durante a minha residencia no Brazil, era elle composto quasi só de gente de cor, o que me parecia muito estranho, pois era dos filhos dos escravos que se fiava o cuidado de defender a nação que lhes reduzia os pais ao cativeiro. Só os officiaes erão brancos. Todo o filho de fidalgo é *cadete*, isto é, official.

Depois da guerra que o Brazil sustentou com o Paraguay e que foi ceo-la pela victoria, ha segundo me affirmão, muito mais brancos entre os soldados. Na occasião da guerra, o Brasileiro que dava cinco ou seis escravos para soldados ficava nobre, e os escravos livres (livres para serem soldados e deixarem-se matar).

No que se refere a theatro, pôde-se dizer que só o theatro Lyrico, onde se representão operas italianas, é frequentado pela alta sociedade. O interior delle é muito bonito. Os camarotes são assaz abertos, para deixarem ver a *toilette* de uma senhora da cabeça aos pés. As senhoras apresentam-se alli de vestido decotado e mangas curtas, e, uma vez por anno, o Imperador e a Imperatriz assistem ao espectáculo em grande gala: é no dia da abertura das camaras. O Imperador com o manto imperial, e a Imperatriz com o diadema e todos os diamantes da corôa.

O outro theatro, chamado de S. Pedro, onde se representão dramas e comedias traduzidos do francez, não attrahe a alta sociedade. Aquelle theatro já se incendiou por duas vezes. O primeiro tragico brasileiro, *João Caetano dos Santos*, que tinha realmente grande talento, tomára a direcção d'elle e juntára o bailado á comedia. Depois que este actor morreu o theatro cahio em abandono.

Supponho que só uma ou duas obras brasileiras têm sido representadas, o que prova (ainda que em diversas obras sobre o Brazil se diga o contrario), que os povos da America do Sul estão ainda muito atrasados, artisticamente fallando. Entretanto, contão elles alguns poetas, dos quaes os melhores, no meu entender, são Gonçalves Dias e Magalhães. E' a graça, especialmente, que constitue a caracteristica das suas poesias. Deu algumas como amostra no fim do volume. Muitas palavras, muitas imagens, tal ou qual harmonia, mas poucos pensamentos no fundo. Demais eis o que da sua litteratura diz um de seus compatriotas :

« A primeira phase de uma litteratura qualquer é o lyriismo, e mal que preze ao orgulho precoce de nossa mocidade, a litteratura brasileira acha-se ainda nos primeiros limbos, acha-se na sua infancia apenas, na phase do lyriismo emfim » (*Dr Caetano Filgueiras*)

Julgou bem a questão. Um dos melhores romances é o que tem por titulo o *Guarany* por Alencar, e do qual proponho-me offerecer por estes dias uma traducção ao publico pariziense. E' uma pintura fiel da vida do Indio, poetica e verosimil. Traduzi igualmente um pequeno romance com o titulo *Cinco minutos* a que não falta originalidade, também da penna de Alencar, cujo talento é incontestavel.

A lingua brasileira, com seus diminutivos em zinho, zinha, é muito esgracçada: sinto grande prazer sempre que a ouço fallar. E' o portuguez com a accentuação nasal modificada, « E' uma especie de patois », dizem os Portuguezes. Que importa! todos aquelles meusinhos lhe assentão bem, e dão á lingua brasileira um toque que lieongeia mais o ouvido do que a lingua pura de Camões.

O El-dorado, café cantante que se abriu no Rio de Janeiro ha cerca de quinze annos, pôz ahí em voga as operetas populares, e as nossas *étoiles* voltão daquelle theatro carregadas de diamantes. E' no El-dorado que a mocidade recebe todas as noites uma lição de francez. Avaliem!

Quando se tem de fazer viagem para o Brazil, a melhor monção é em Maio ou Junho, porque chega-se no inverno com boas probabilidades de acclimação e de evitar a febre amarella, que, aliás, não é agora tão mortifera, como no principio, e della pôde a gente preservar-se mediante um pouco de castela.

Quando voltei ao Brazil pela segunda vez, depois de uma estada de dois annos na minha terra, não quiz embarcar antes do mez de Maio, e, assim, a viagem foi um verdadeiro passeio.

Havia eu embarcado em um magnifico clipper, chamado *Paulista*, capitão Callange.

Um dia que eu me assentára no tombadilho, um soberbo terra nova, de comprido pello negro e olhar intelligente e meigo, aproximou-se de mim para lambear as mãosinhas de meu filho que estava assentado nos meus joelhos; acariciei o animal e perguntei de quem era.

— E' meu, disse o capitão, e de tal forma lhe sou affeiçãoado que na minha ultima viagem, tendo tido *Pollux* (é o seu nome) a phantasia de tomar um banho no momento em que tinhamos vento fresco e levavamos uma marcha soberba, eu, com risco de despedaçar mastros e leme, ordenei a manobra necessaria para permittir ao cão voltar ao navio, e asseguro-lhe que não houve um só murmurio a bordo por causa desta manobra, que, entretanto, apenas tinha por fim a vida de um animal.

— E', então, muito querido dos marinheiros?

—No que são muito justos, como vai ver. Um della lhe deve a vida.

« Ha tres annos estavamos á entrada do mar da Mancha, sempre tão perigoso; o vento soprava de oeste e uma tempestade estava imminente. Ordenei que carregassem as velas, e um dos marinheiros executando a manobra cabio e foi envolvido pelas ondas.

Ao grito ; — Homem ao mar ! — apressei-me, apesar de todo o mau tempo, a fazer parar a marcha do navio e os marinheiros atirarão logo boias de salvação ao seu infeliz companheiro.

« Ouvindo a gritaria da guarnição, Pollux atirou-se ao mar á procura do marujo, que, não sabendo nadar (pois, é incrível, marinheiros ha que o não sabem), não apparecia. O nobre animal mergulhava e remergulhava, até que o vimos apparecer com o homem seguro pela gravata, mas no mesmo momento que o vimos surgir á tona d'agua, a gravata arrebentou e o desgraçado sumiu-se outra vez. O embargo do pobre terra-nova era desesperador: procurou segurar o homem pelas cabellas, mas elle trazia-as cortados á escovinha... Estavamos todos em anciosa observando as peripecias desta nobre acção de Pollux. Emfim vimos lo com o marujo seguro pela camisa e lutando assim alguns momentos contra as ondas ; depois, percebendo que o pobre marinheiro estava quasi desfallecido, o intelligente animal collocou-se por baixo d'elle, levantando-o de modo que lhe permit-tisse tomar respiração. De vez em quando Pollux levantava a cabeça para respirar tambem, e por fim chegou perto do navio, onde o pobre marujo pôde ser içado para bordo, graças ao meu guapo cão, que a muito custo subio e cabio extenuado no convex.

« Não sabendo como reconhecer a dedicação e coragem de Pollux, a equipagem resolveu em sessão magna que um animal tão intelligente e tobre devia ser dalli em diante tratado como um homem: que a sua ração seria tirada antes das dos marujos e teria elle lugar reservado entre a tripulação á hora da comida. Se a senhora quizer ir ao meio-dia até á prôa, verificará a exactidão desta narrativa. »

Não me fiz rogar, e á hora do jantar dos marinheiros assisti a uma curiosa scena.

Toda a equipagem estava disposta em circulo, e cada qual, com uma colher na mão, esperava a sua vez de introduzi-la n'uma immensa escudella, perto da qual estava outra menor: esta pertencia a Pollux que, ao primeiro toque da sineta, correu a tomar o seu lugar costumeado no meio dos amigos, de quem

aprendia todos os dias alguma habilidade nova. O guapo cão começou então a comer a ração com toda a dignidade que exigia a sua nova posição social, abanando a cauda alegremente, de cada vez que algum marinheiro lhe pronunciava o nome.

Era ahí a historia veracissima do casar da Paulina. Tornando as viagens da America do Sul, aqui as ellas para se fazerem em Setembro, aqui em Março.

Commetti a imprudencia de embarcar uma vez neste ultimo mez; e, effora o frio que soffri e me prestou doente, apasbámos tão forte tempestade que julguei nunca mais tornar a ver a França.

Era uma hora da madrugada e todos dormiam a Lorde, excepto os officiaes de quarto, quando ouvi-mos repentinamente um enorme ruido; parecia que a embarcação se despedaçava, e a agua entrou pelos camarotes. Ouvi gritar de todos os lados:

« Soes bramos, capitão! Socorro! » Tentei meu filho nos braços e fizeti assinar com elle, suplicando na maior sociedade o que ia acontecer.

Durante meia hora houve um barulho infernal no tombadilho; tocavão a bomba, puchão velas para tapar a camera cuja cobertura tinha sido arrancada; subião, descião; as vezes do commando succedino-se,

e o navio sacudido pela tempestade atirava os pobres corpos de encontro ás paredes do camarote, ora á direita, ora á esquerda, sem nos dar um momento de tregua. Emfim, o ruido diminuiu um pouco no tombadilho, e o capitão entrou no meu camarote, dizendo : « Que é feito desta gente ? morrem ? »

Perguntei-lhe o que tinha acontecido, e elle disse que estavamos á entrada da Mancha, e que, levantando-se de repente horrivel tormenta, uma enorme vaga entrára pelo navio levando consigo a coberta da camara e varrendo capoeiras, gallinhas, bancos, etc., tudo que estava no convex, e emfim partindo um mastro.—« Illa pouca agua no porão, felizmente, accrescentou elle, mas Deus nos guarde de outra onda como aquella »

Levantei-me com muita difficuldade, porque a arfagem era medonha, e fui refugiar-me com meu filho em um dos camarotes onde a agua não tinha chegado ; depois quiz subir ao tombadilho para contemplar o espectáculo do mar em furor.

Não pude ir além dos ultimos degrãos da escada da camara, segurando-me com força ao corrimão, e o que vi não se apagará jámais da minha memoria.

Vagas enormes semelhantes a altas montanhas, cercavão o navio por todos os lados, e ora o levantavão ate ao cume para deixá-lo cahir logo ao abysmo.

Não se podia conceber como o navio abria passagem no meio daquellas immensas massas de agua espumante, que parecião a cada momento engulir-lo. Desci logo assombrada, e a maior parte dos homens que estavam a bordo fizeram como eu. Alguns que quizerão contemplar o espectáculo, voltarão logo pallidos e mudos.

Não se pôde mais cozinhar a bordo : tivemos a de nos arranjar com conservas e comidas frias.

Esta medonha tempestade durou tres dias, durante os quaes quasi se não respirou ; não se pôde fazer nada : esperou-se.

No fim do segundo dia tomamos piloto, que a muito custo embarcou, e nos disse chegando : « Forão muito felizes de escapar desta ! Toda a Mancha está coberta de destrócos de navios ! »

Emfim, o vento amainhou, e pudemos entrar no Havre, onde ao pôr pé em terra, jurei que nunca mais o reiz de Março me veria no mar.

Com que ventura tornei a ver a França, depois de dez annos passados na America! Recordo-me da alegria que tive vendo um ramo de lilazes: « Lilazes! disse eu em lagrimas, lilazes! ha quantos annos vos não vejo! » A dona da hospedaria que me ouvia, mandou pôr um ramo delles no meu quarto.

Entretanto, muito pasmo, muitas desiluições esperavão-me no meu regresso. A minha terra que tão bella se me conservava em reminiscencias pareceu-me esteril, triste, pardacenta comparada com a que eu acabava de deixar.

Quando vi pela janella do wagão os nossos campos recortados em quadinhos de todas as côres, parecerão-se pedaços de tapetes cosidos uns aos outros. Os nossos parques recordarão-me os redis com que se presentão as crianças no dia de Anno Bom. Em vez de me extasiar (como talvez devesse fazer) pela cultura desta terra, cujo menor cantinho é amanhado e produz, o espectáculo repugnou-me e pareceu-me de mesquinhaeria inaudita. Lembrei-me das leguas inteiras que percorri no Brazil entregues só aos cuidados da natureza, onde o infeliz p. dia colher á vontade a banana, a laranja, o palmito sem ser incommodado por ninguem, beber agua fresca da fonte sem que lhe taxassem o preço, dormir tranquillo na floresta sem que um policial o viesse prender.

No meio da nossa mesquinha civilisação, com difficuldade podia eu rever a natureza, assim como por muitas vezes procurei em vão contemplar o céu, que as altas casas das cidades escondem das nossas vistas.

Quantas vezes não me tenho sentido saudosa daquelles vastos horisontes que engrandecem a alma e elevão o pensamento, os meus banhos de mar, ao luar, as nobres execuções a cavallo por montes e vallados; a esplendida bahia, para onde deitavão as janellas da minha casa e onde á noite passavão os pescadores agitando fogachos sobre as ondas!

Aflita a occupar sózinha uma casa grande, onde

podia sem incommodo hospedar oito pessoas, muita difficuldade tenho tido para tornar a habituar-me á acanhada vida parisiense, tão luxuosa na apparencia e tão vexatoria no fundo, onde o menor bocadinho se nos conta á mesa, onde o mesmo ar é medido. « E' nos paizes ricos, dizem-me, que isto acontece. » De accôrdo; mas prefiro os que chamão pobres, onde não nos medem ar nem sol, onde não se divide um fructo por quatro pessoas, onde se toma banho todos os dias, onde, por quantia relativamente pequena, se pôde comprar, não um cantinho, mas legua de terreno.

Uma só cousa me consolava da mesquinharia da vida material: « Eis-me de volta á terra do pensamento e do progresso, dizia commigo ».

Ah! tudo estava mudado. Os Parisienzes não conversavam mais; fumavam apenas, e fallavam uma giria absurda. Voltei-me para os theatros: só as operetas estavam em moda. Quanto mais estolidas, tanto mais rião os meus compatriotas. Era de rigor que num momento dado, nestas peças, cinco ou seis personagens entrassem, em meio do entrecho, a dançar um cancan phrenetico, e o publico applaudia embasbacado (!)

Que era feito do espirito gaulez? onde a lingua polida do secul. XVIII? para onde terião ido a galantaria e agudeza de engenho dos nossos pais? perguntava a mim mesmo.

Quem via de travez, eu ou a gente de minha terra? Eis a questão que, perplexa me propuz a mim mesmo muitas vezes.

Seja como fór, tenho adquirido a convicção de que, tendo-se vivido em paizes banhados pela luz, não se pôde mais viver em outro lugar; depois que a nossa alma se retemperou ao aspecto das grandes obras de Deus, não pôde mais comprehender a vida ficticia das nossas cidades.

E' por isso que tenho sempre saudades, como dizem os Brasileiros, da sua terra, que eu bem desejava ver ainda uma vez antes de fechar os olhos (2).